

# Revista Adventista

Revista Mensal · Ano 75 · Nº 809 · €1,90

Outubro 2014

## Moisés no Egito

NOVAS DESCOBERTAS  
CONFIRMAM  
OS DADOS BÍBLICOS



### Porque tarda Jesus em voltar?

Ainda teremos de esperar muito?

28



### Sola Scriptura e Ellen White

A luz menor e a luz maior.

30



### Abnegação, o eixo do Cristianismo

Ser abnegado é essencial.

32

# amor em ação



“Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu único Filho para que todo aquele que nele crê não pereça mas tenha a vida eterna.”

João 3:16.



VI convenção  
em Portugal  
2 e 3 de outubro  
Igreja Central,  
4 de outubro  
Aula Magna,  
Lisboa

ENTRADA LIVRE

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

### editorial

#### VIDA FAMILIAR



14

### A necessidade do culto familiar

Devemos dar atenção às orientações de Deus quanto ao culto familiar.

#### BÍBLIA



24

### Cenas nos bastidores

Os Samaritanos de hoje estão por aí, tentando desanimar o povo de Deus.

#### ESPAÇO JUVENIL



27

### A cavilha desaparecida

#### EDITORIAL

### 04 Moisés, uma inspiração para o Cristão

### 05 Memo

#### HERANÇA ADVENTISTA

### 06 O que significa um nome?

O processo de escolha do nome da nossa denominação não foi nada simples.

#### ARTIGO DE FUNDO

### 10 O vitupério de Cristo *versus* os tesouros do Egito

A decisão de Moisés não afetou apenas a sua vida e as suas ações futuras, mas teve também um profundo efeito sobre a governação do próprio Egito durante várias gerações.

### 18 Notícias Internacionais

### 20 Notícias Nacionais

#### DEVOCIONAL

### 28 Porque tarda Jesus em voltar?

Jesus prometeu voltar há quase 2000 anos e, até agora, não voltou. Em que situação isto deixa os Cristãos?

#### ESPÍRITO DE PROFECIA

### 30 *Sola Scriptura* e Ellen White

Se tudo do que necessito se encontra na Palavra de Deus, porque devo então dar atenção aos escritos de Ellen White?

#### TEOLOGIA

### 32 Abnegação, o eixo do Cristianismo

O tema da abnegação é dos temas que gera mais controvérsia e conflito na hora de o vivermos na prática.

#### INTERPRETANDO AS ESCRITURAS

### 34 Onde obteve Caím a sua mulher?

"E conheceu Caím a sua mulher, e ela concebeu, e teve a Henoch." Génesis 4:17.

#### REFLEXÃO

### 35 O único grupo para o qual Jesus não tinha muito tempo

Houve um grupo para o qual Jesus não teve muito tempo.



# Moisés, uma Inspiração para o Cristão

Como protagonista do artigo de fundo da Revista Adventista deste mês temos um personagem bastante especial. Trata-se de Moisés, cujo nome, em Hebraico, significa “tirado das águas”. Moisés foi um homem que, desde o seu nascimento, e apesar de ter sido chamado pela vontade de Deus, sofreu muitas adversidades. Nasceu quando era proibido nascer. Veio a ser um príncipe, antes de se tornar num libertador pelo poder de Deus, resgatando o povo de Israel da escravidão do Egito. A Bíblia caracteriza-o como homem de fé e de grande coração. Ele abriu o Mar Vermelho e recebeu as tábuas dos Dez Mandamentos. No entanto, tinha a “língua pesada”, matou um Egípcio, bateu na rocha sem o poder de Deus e não entrou na Terra Prometida juntamente com o seu povo. Mas, apesar das dificuldades, Moisés nunca desistiu da sua missão. Acabou por morrer com “a idade de cento e vinte anos” e o Senhor “o sepultou num vale, na terra de Moabe, defronte de Bete-Peor” (Deuteronomio 34:5-7).

A experiência de Moisés retrata muito bem a vida do Cristão. O Cristão nem sempre tem uma vida fácil. No entanto, Moisés entrou onde todos os Cristãos desejam um dia entrar. Ele foi admitido no Céu. Depois da morte de Moisés, somos

informados de que o Arcanjo Miguel “contendia com o diabo e disputava a respeito do corpo de Moisés” (Judas 9).

Moisés fez boas escolhas durante a sua vida, recusou as honras do Egito, recusou ser chamado filho da filha de Faraó, preferindo ser maltratado juntamente com o povo de Deus a usufruir dos prazeres transitórios do pecado (Hebreus 11:24 e 25). Porém, ele tinha ainda de aprender a lição da confiança no poder divino. No deserto de Midiã, onde Moisés passou quarenta anos como pastor de ovelhas, na solidão das montanhas, ele estava a sós com Deus. Ali, a sua presunção foi erradicada. (Ellen White, *Educação*, pp. 61, 63, 69.) Deus recompensará o homem de fé e de obediência, tal como recompensou Moisés. Se essa fé fizer parte da experiência de vida, habilitará o crente a suportar as difíceis provas. Moisés confiava em Deus. Ele ficou firme, como vendo o invisível (Hebreus 11:27). Moisés tinha a certeza da presença do Senhor, cria que Ele estava sempre à sua mão direita para o ajudar. Afinal, Moisés tinha profunda intuição da presença pessoal de Deus. Está em nosso poder decidirmos ser como Moisés. ✦

· Pr. António Rodrigues, presidente da UPASD

## memo

## DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

## outubro

04	Sábado da Criança
05	Conselho JA
11	Dia do Pastor
11-18	Campanha de Evangelização nas Grandes Cidades
18	Dia do Espírito de Profecia
19	Conselho Nacional de Educação
24-26	Encontro dos 60+
25 e 26	Escola de formação JA - Costa de Lavos

## novembro

01-08	Semana de Oração e Sacrifício
09-10	Conselho de Fim-de-Ano da UPASD
14-16	Encontro de Músicos
23-25	Convenção Pastoral
27	Congresso "Consciência e Liberdade"
29	Reunião de Oficiais de Igreja

## COMUNIDADE DE ORAÇÃO

## outubro

06-10	Associação Belga-Luxemburguesa (FBU)
13-17	Clínica La Lignière (EUD)
20-24	Associação do Norte do Reno-Westfalia (NGU)
27-31	Associação do Sul da Transilvânia (RU)

## novembro

03-07	Associação Baden-Wuerttemberg (SGU)
10-14	Casa Publicadora Advent Verlag (SU)
17-21	União Búlgara (BU)
24-28	Casa Publicadora Búlgara (BU)

ANTENA 1 RTP2

## FÉ DOS HOMENS

RTP2, a partir das 15h30  
ANTENA 1, a partir das 22h47

- 6/10 (segunda-feira)
- 20/10 (segunda-feira)
- 12/11 (quarta-feira)
- 24/11 (segunda-feira)

## CAMINHOS

RTP2, às 11h  
ANTENA 1, a partir das 06h

- 26/10 (domingo)

# SINAIS DOS TEMPOS

## O MAIOR EVENTO DA HISTÓRIA

Queremos dedicar o Banco de Leitura deste mês à apresentação de um novo número da *Sinais dos Tempos*. Este número intitula-se “O maior evento da História” e pretende apresentar ao público uma das doutrinas Adventistas mais importantes: a doutrina sobre a Segunda Vinda de Cristo.



A revista abre com um extenso artigo escrito pelo pastor Paulo Lima, redator da *Sinais dos Tempos*, no qual se evidenciam os fundamentos bíblicos da crença no breve regresso de Jesus. Depois de se discutir a promessa de Jesus, o modo e o tempo da Segunda Vinda de Cristo, são apresentados alguns dos sinais anunciadores do iminente regresso

do Salvador. Estes sinais vão desde o surgimento de falsos Messias até à proclamação mundial do Evangelho, passando pelos sinais na cena internacional e pelas condições morais e sociais que se verificarão antes do regresso de Cristo. O artigo seguinte é da autoria do pastor Marvin Moore, editor da *Signs of the Times* americana. No seu artigo ele expõe seis factos importantes sobre a Segunda Vinda de Jesus. Trata-se de um artigo muito interessante, porque não só aborda os factos relacionados com o modo e o tempo do regresso de Jesus, como explica a forma de nos prepararmos para este glorioso evento. Ainda dentro da mesma temática, temos um artigo iminente prático escrito por Penny Wheeler com o título “Pronto para se encontrar com Jesus”. Neste artigo são explicados os passos a dar para não sermos surpreendidos pelo regresso de Cristo. O último artigo é escrito por David Down e versa sobre os Hititas, um antigo povo mencionado na Bíblia. O autor mostra como a descoberta arqueológica da existência deste povo, no final do século XIX, veio provar a veracidade e a fiabilidade histórica da Bíblia, quando esta era posta em causa pela comunidade académica da época.

Este número da *Sinais dos Tempos* inclui ainda duas secções que nos permitem aprofundar os nossos conhecimentos bíblicos. Na secção “A Bíblia Ensina” é apresentado um claro estudo bíblico sobre a Segunda Vinda de Cristo. Na secção “Linha Aberta” o pastor Paulo Lima responde à questão de se saber se as festas judaicas mencionadas na Bíblia ainda são válidas para os Cristãos. ✨

**Paulo Lima, Redator da Revista Adventista**

# O que Significa um Nome?

## COMO FOI ESCOLHIDO O NOME “ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA”.

Os nomes identificam pessoas e organizações. Foi em 1 de outubro de 1860 que os pioneiros Adventistas escolheram o nome “Adventista do Sétimo Dia” para a nossa Igreja. Alguns pensavam que nos deveríamos chamar “Igreja de Deus”. Outros achavam isso por de mais presunçoso, para não mencionar o facto de que outras Igrejas já usavam esse nome, pelo que adoptá-lo causaria confusão. Consequentemente, após considerável discussão, foi escolhido o nome “Adventista do Sétimo Dia”.<sup>1</sup>

Na verdade, o processo de escolha do nome da nossa denominação não foi assim tão simples. Foi apenas após bastante discussão que os nossos pioneiros finalmente votaram no sentido de constituir juridicamente a Casa Publicadora, a única instituição da nossa Igreja nessa época. Obviamente, para se completar o processo de constituição jurídica era necessário escolher um nome para a Casa Publicadora que tinham votado criar. Tal como a decisão de organizar a Casa Publicadora da Igreja

nascente não tinha sido tomada facilmente, também não foi tomada rapidamente a decisão de escolher um nome. Durante vários meses anteriores à reunião realizada em Battle Creek, Michigan, de 28 de setembro a 1 de outubro de 1860, onde estes assuntos foram discutidos e decididos, vários artigos, bem como cartas dos leitores, foram publicados no jornal da Igreja, então chamado *Revista do Advento e Arauto do Sábado*. Discussões entre membros de Igreja e pastores itinerantes também tiveram lugar antes da realização da reunião em Battle Creek, tanto no que tocava à questão sobre se se devia constituir juridicamente a Casa Publicadora, como no que tocava à questão da escolha de um nome denominacional.

James White deu início às discussões. Nessa data, tanto a Casa Publicadora como a igreja de 8,5 por 12,8 metros em Battle Creek, onde se realizou a reunião acima mencionada, eram propriedade de indivíduos e não do conjunto dos membros da Igreja. James White era o dono da Casa Publicadora (estava legalmente regista-

da no seu nome) e a igreja estava construída num terreno que era propriedade de Stephen Belden, o cunhado de James White. Caso qualquer um destes homens falecesse ou decidisse alienar essas propriedades ou apropriar-se delas, os membros de Igreja, que tinham contribuído para o investimento de 5000 dólares que valia a Casa Publicadora e para os 900 dólares investidos na construção da igreja três anos antes, perderiam o dinheiro assim investido. Por sua parte, o pastor White solicitava insistentemente que fosse encontrado um método para que a Igreja tomasse posse legal da Casa Publicadora, bem como dos edifícios de Igreja construídos pelas congregações locais. Ele não estava de todo interessado em ver o atual sistema prolongado. Por esta altura, o número de membros era de, aproximadamente, 3000 e continuava a crescer.<sup>2</sup> Era óbvio que algo necessitava de ser feito.

### **Nome, organização e Babilónia**

Embora a decisão de se constituir juridicamente a Casa Pu-

# Adventista o Sétimo Dia

blicadora nos pareça fácil, no entanto, devido aos seus antecedentes, era uma decisão difícil de tomar para os pioneiros. Por causa da sua experiência no Adventismo Millerita, incluindo a sua forte crença de que as Igrejas que tinham rejeitado a verdade bíblica, descoberta e crida por eles, eram parte da Babilônia descrita em Apocalipse 14:8, tomar qualquer ação – por mais aparentemente pequena ou insignificante que fosse – que pudesse, de algum modo, parecer avançar para a formação de uma Igreja, causava-lhes verdadeira preocupação. Os nossos pioneiros não queriam, sob nenhuma circunstância, tornar-se parte de Babilônia! Afinal, tendo sido chamados para sair de Babilônia, eles certamente não queriam voltar fosse o que fosse que os fizesse regressar a ela! Não tendo nós experimentado o que eles tiveram que passar como milleritas, incluindo os anos imediatamente a seguir ao fim do movimento millerita, achamos impossível compreender plenamente as profundas e sinceras convicções

dos nossos pioneiros acerca do processo de organização.

No entanto, após mais de um dia inteiro de discussão, para não mencionar todas as discussões que tinham precedido a reunião de organização, a grande maioria dos que estavam presentes finalmente decidiu que a constituição legal da Casa Publicadora não significava, em si mesma, tornarmo-nos parte de Babilônia – pelo menos, todos votaram para que se prosseguisse com a organização. Tendo sido tomada esta decisão, os delegados voltaram-se para a discussão do nome. De novo, a intenção de “fazermos-nos um nome” (Gén. 11:4) causava alguma preocupação teológica a alguns dos presentes nesse fim de semana. Tal como com a questão da organização, a razão aparente para a sua preocupação encontra-se no livro de Apocalipse. O versículo 11 do capítulo 14 faz um aviso aos adoradores da besta e a todo aquele que receber a marca do seu nome. Consequentemente, escolher um nome específico para a Casa Publicadora e para as nossas igrejas em

geral era algo que causava igualmente uma verdadeira preocupação a muitos pioneiros.

## **Escolhas**

Tem que se admitir que, de um ponto de vista prático, a situação presente estava já a causar confusão. A primeira congregação Adventista observadora do Sábado a organizar-se situava-se em Parkville, Michigan, a cerca de 65 quilómetros a sudoeste de Battle Creek. Ela organizou-se em 13 de maio de 1860. Porque “ainda não tinha sido decidido o nome a dar ao remanescente como um todo”, os membros da igreja de Parkville escolheram chamar-se “Igreja de Parkville do Segundo Advento de Cristo”.<sup>3</sup> Mais tarde, no verão, a congregação em Fairfield, Iowa, escolheu organizar-se sob o nome “Igreja do Deus Vivo”.<sup>4</sup> Foi anunciado que, pelo menos, três outras congregações no Iowa estavam apenas a aguardar as notícias da reunião de Battle Creek para também procederem à sua organização. Na verdade, um sem número de diferentes nomes tinha sido

usado, em várias alturas e por diversas pessoas, para identificar a pequena Igreja em crescimento. Provavelmente, o nome mais amplamente usado era o de “Igreja de Deus”. Outros nomes incluíam: “o pequeno remanescente amplamente espalhado” (às vezes encurtado para “o pequeno remanescente”, ou apenas “o remanescente”), “o pequeno rebanho” e “Igreja de Jesus Cristo”. J. N. Loughborough lembra, no seu livro sobre a história da Igreja Adventista, que os nomes “Povo do Senhor” e “Cristãos” também eram usados.

Quanto a esta confusão, James White notava que, quando interrogado por amigos sobre qual a Igreja a que pertencia, ele ficava embaraçado por não poder responder-lhes. Ele observava que o movimento tinha cres-

cido muito para além dos seus primeiros dias, quando não era necessário um nome específico. Como ele dizia: “Parece-me que a criança está agora tão crescida que é extremamente embaraçoso não ter um nome para ela.”<sup>5</sup> É interessante notar que Ellen White estava então em casa, tendo dado à luz o seu quarto filho a 20 de setembro de 1860. O pastor White estava intensamente consciente da necessidade de dar um nome à criança, dado que ele e Ellen ainda não tinham dado um nome ao seu recém-nascido.

Após terem finalmente concordado em constituir legalmente a Casa Publicadora, pareceu haver um acordo geral de que, ao assim fazer, algum nome teria que ser escolhido. Àqueles poucos que ainda argumentavam que não devia ser adotado nenhum nome

específico, James White fez notar que outros, não Adventistas, já nos estavam a aplicar uma variedade de nomes. Assim, estávamos a permitir que outros, por ausência de ação da nossa parte, decidissem como se chamariam os guardadores do Sábado. Àqueles que argumentavam que “Cristãos” ou “Igreja de Deus” eram os únicos nomes aceitáveis, dado que eram os únicos usados no Novo Testamento, outros respondiam que ambos os nomes eram por demais genéricos, já para não dizer que o nome “Igreja de Deus” parecia presunçoso de mais. James White não foi a única pessoa que veio para a reunião tendo como favorito o nome “Igreja de Deus”. No entanto, à medida que a discussão continuava, ele apercebeu-se de que havia sabedoria em escolher um nome diferente.





### Uma solução

À medida que a discussão progredia, James White comentou que o nome escolhido deveria ser tal que fosse o menos objetável possível por parte das pessoas em geral. O nome “Adventistas do Sétimo Dia” foi então “proposto como um nome simples e que expressava a nossa fé e as nossas posições”.<sup>6</sup>

O primeiro uso conhecido, na imprensa, do nome “Adventistas do Sétimo Dia” encontra-se numa carta ao editor da *Revista do Advento e Arauto do Sábado* escrita por S. T. Cranson, de Tompkins, Michigan. A sua carta data de 20 de março de 1853 e apareceu na edição do jornal de 4 de abril de 1853.<sup>7</sup> Foi David Hewitt, o primeiro observador do Sábado em Battle Creek, que, por fim, propôs “que tomemos o nome 'Adventistas do Sétimo Dia'”.

A moção foi “livremente discutida”, mas foi retirada em favor da seguinte moção revista: “Votado, que nos chamemos Adventistas do Sétimo Dia.” Após uma longa discussão, a resolução foi adotada, apenas com um voto contra. Aparentemente, a mudança linguística de “tomar o nome” Adventistas do Sétimo Dia para “chamar-se” Adventistas do Sétimo Dia satisfaz suficientemente aqueles que ainda tinham reservas acerca da expressão

“tomar um nome”, baseadas em Apocalipse 14:11, permitindo-lhes votar em favor do novo nome. Então, tudo o que restava fazer era votar a favor de se recomendar “às igrejas em geral o nome que escolhemos”. Esta resolução também foi aprovada com apenas um voto contrário.<sup>8</sup>

John Byington, que fora impossibilitado de comparecer na reunião por causa de doença, partilhou a sua reação ao novo nome com os leitores da *Revista*. “Quanto a um nome, eu tenho às vezes pensado que o simples termo escriturístico 'Igreja de Deus' seria tudo o que era necessário. Mas, depois de refletir mais sobre este assunto, vi que Deus deu ao Seu povo e a indivíduos nomes que se ajustavam ao tempo e às circunstâncias em que se encontravam. [...] Eu diria aos meus irmãos amplamente espalhados pelo país que não posso ver que exista qualquer objeção razoável ou escriturística ao nome 'Adventistas do Sétimo Dia', dado que significa bem a posição que

a Igreja de Deus deve ocupar no tempo do fim.”<sup>9</sup> Menos de três anos depois, o pastor Byington seria eleito como primeiro presidente da Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia.

Algumas semanas depois, James White noticiava na *Review* que uma nova igreja em Richmond, Iowa, se tinha constituído usando o novo nome “Adventistas do Sétimo Dia”. Outras se seguiram, incluindo a igreja de Parkville, Michigan, que, em 1863, mudou o seu nome para “Sociedade dos Adventistas do Sétimo Dia de Parkville, Michigan”. A partir destes pequenos começos, o nome Adventistas do Sétimo Dia encontra-se hoje em mais de 200 países à volta do mundo, declarando ainda o facto de que somos os guardadores do sétimo dia, o Sábado, e que aguardamos fervorosamente a Segunda Vinda de Cristo. ✨

• **James R. Nix**

*Diretor do Património Literário de Ellen White*

1. *The Advent Review and Sabbath Herald*, 23 de outubro de 1860, p. 179.

2. George R. Knight, *Organizing to Beat the Devil*, Hagerstown, MD: Review and Herald, 2001, p. 34, estima que, por volta de 1852, existiam 2000 Adventistas sabbatistas. Dado que se estimavam existir 3500 membros à época da organização da Conferência Geral, conclui que o número de membros em 1860 andaria à volta de 3000 aderentes.

3. *The Advent Review and Sabbath Herald*, 29 de maio de 1860, p. 9. É interessante que, tanto na notícia dada pela *Review*, como nos documentos de constituição

jurídica que foram entregues no tribunal, as palavras “segundo advento” não foram escritas com iniciais maiúsculas.

4. Godfrey T. Anderson, “Make Us a Name”, *Adventist Heritage*, julho de 1974, p. 30.

5. *The Advent Review and Sabbath Herald*, 16 de outubro de 1860, p. 170.

6. *Idem*, 23 de outubro de 1860, p. 179.

7. *Idem*, 14 de abril de 1860, p. 191.

8. *Idem*, 23 de outubro de 1860, p. 179.

9. *Idem*, 30 de outubro de 1860, p. 189.

# O vitupério de Cristo versus os tesouros d

NOVAS DESCOBERTAS CONFIRMAM OS DADOS BÍBLICOS.

**S**e estivéssemos lá em pessoa, provavelmente pensaríamos que estávamos a assistir a uma das mais amargas discussões familiares da História. A senhora mais velha, com o seu queixo espetado numa imagem de determinação real, poderia ter perto de 50 anos nessa data; e porque ela era a herdeira real que se seguia na linha de sucessão ao trono, ela estaria acostumada a ver prontamente respondidos os seus desejos pessoais. Mas eis aqui um homem mais jovem – certamente um príncipe – que estava despreocupadamente a pronunciar palavras obstinadas perante ela. Como poderia ela agir para o fazer ver a profunda sabedoria das exigências dela e a completa insensatez da decisão dele?

A Bíblia apenas nos dá a mais breve intuição sobre aquele momento pleno de emoções, mas as palavras são, ainda assim, muito reveladoras, e são imensamente significativas. Lemo-las em Hebreus 11:24-26: “Pela fé, Moisés, sendo já grande, recusou ser chamado filho da filha de Faraó, escolhendo, antes, ser maltratado com o povo de Deus, do que, por um pouco de tempo, ter o gozo do pecado; tendo por maiores riquezas o vitupério de Cristo, do que os tesouros do Egito; porque tinha em vista a recompensa.”

O que torna a decisão de Moisés tão fascinante é a recente publica-

ção de alguns detalhes até agora desconhecidos. Estes detalhes fornecem-nos novas e emocionantes evidências sobre esta antiga discussão familiar e permitem-nos obter uma imagem detalhada da múmia da princesa egípcia que adotou Moisés e com quem ele decidiu desentender-se. Podemos agora entender, de modo mais ple-

no do que antes (de facto, de modo muito mais pleno), qual foi o efeito do dramático anúncio de Moisés sobre o antigo Egito e sobre a família real do Faraó.

Sabemos que a decisão de Moisés não afetou apenas a sua vida e as suas ações futuras, mas teve também um profundo efeito sobre a governação do próprio Egito durante várias gerações, mesmo após ter passado o tempo de Moisés.

## *Cronologia de apoio*

Considere o seguinte. No número de janeiro de 2012 da *Biblical Archaeological Review*, o editor citou nova informação que situava a datação do Êxodo dois séculos mais cedo do que o mundo erudito cria até então.<sup>1</sup> Isto significa que



# sto o Egito

até os eruditos liberais estão agora dispostos a concordar que a data do Êxodo deve ser colocada perto do ano 1445 a.C., como a própria cronologia bíblica sempre sugeriu. Mas, como é que isto tem impacto na nossa compreensão da experiência de Moisés? A datação adequada do Êxodo permite-nos, agora, estabelecer uma datação mais exata para os episódios biográficos de Moisés, incluindo o ano do seu nascimento e da sua decisão de renunciar à sua posição na família real. Esta informação sobre a cronologia da vida de Moisés permite-nos ligar a sua vida de modo mais fácil com os membros individuais da família real que governou o Egito durante a sua época.

Aceitando-se 1445 a.C. como data para o Êxodo e reconhecendo-se que a Bíblia claramente afirma que Moisés tinha 80 anos por volta dessa data (Êxodo 7:7), isso leva-nos a concluir que Moisés deveria ter nascido em 1525 a.C.. Assim, se assumirmos que Moisés tinha aproximadamente 30 anos quando atingiu a idade de pretendente ao trono, podemos chegar a 1495 a.C. como a data em que Moisés tornou claro que ele não era “o filho da filha de Faraó”. Ao fazer tal declaração, Moisés estava obviamente a renunciar à possibilidade de

alguma vez se tornar no próximo governante do Egito. E, portanto, isto representou uma decisão de considerável importância.

## O contexto familiar

Considere também um outro artigo. A *National Geographic* publicou um artigo da autoria de Chip Brown que coloca Moisés no seu contexto familiar no quadro das famílias reais do Egito.<sup>2</sup> Isto ajuda-nos a determinarmos exatamente quem era o Faraó e “a filha do Faraó” durante os anos em que Moisés estava a crescer no palácio do Egito e ajuda-nos também a confirmarmos o ano em que Moisés tomou a sua importante decisão.

Tendo o artigo de Brown diante de nós – aparentemente sem que Brown se tenha dado conta do que o seu artigo alcançou inocentemente – tornou-se possível identificar a mulher descrita na Bíblia como “a filha de Faraó”. À luz dos detalhes que Brown menciona, a mulher deve certamente ser identificada com a famosa princesa conhecida nos antigos registos egípcios como *Hatshepsut*, cujo período de vida e cuja posterior governação do Egito se correlacionam perfeitamente com os episódios pertinentes na vida de Moisés. Portanto, torna-se historicamente claro que a Hat-

shepsut do artigo de Brown deve ser vista como sendo a mesma antiga princesa do Egito que resgatou Moisés do rio Nilo.

No artigo, por exemplo, Brown menciona um pequeno detalhe: que “o servidor chefe e principal arquiteto dela refere-se a ela como sendo 'a filha primogénita do rei', uma distinção que enfatiza a sua linhagem como principal herdeira de Tutmosis I, e não como primeira mulher de Tutmosis II”.<sup>3</sup>

É claro que aqueles que estão familiarizados com a referência a ela no livro de Hebreus lembrar-se-ão da descrição que o apóstolo faz da mãe adotiva de Moisés como sendo “a filha de Faraó”. É óbvio que agora há uma razão histórica que explica porque é que, na afirmação de renúncia de Moisés, tenha sido mencionado que ele “recusou ser chamado filho da filha de Faraó”.

Mas, na área da cronologia relativa da vida de Moisés, o artigo da *National Geographic* tornou-se especialmente útil e informativo. Podemos supor com justiça que a filha de Faraó, na história bíblica de Moisés, devia ter perto de 20 anos quando recolheu o bebé Moisés do Nilo; o que colocaria a data do nascimento dela por volta de 1545 a.C.. Mas, segundo Brown, Hatshepsut não começou a governar



o Egito senão em 1479 a.C..<sup>4</sup> Ela reinou de 1479 a.C. a 1458 a.C..<sup>5</sup> Isto significa que a família real deve ter tido pelo menos 15 ou 16 anos (1495-1479 a.C.) para considerar os efeitos potenciais da posição tomada por Moisés.

Apenas podemos imaginar a perturbação interna que a decisão de Moisés deve ter causado no palácio egípcio durante aqueles anos críticos após 1495 a.C.. Certamente foi muitas vezes pedido a Moisés que mudasse de posição e não fosse tão obstinado. Esta possibilidade resulta do facto de que havia poucos herdeiros masculinos que pudessem subir ao trono do Egito

nessa época. Para além de Moisés, havia apenas um outro rapaz que talvez pudesse ser considerado como herdeiro do trono, e ele era o filho de uma mulher secundária do anterior Faraó – um rapaz (que mais tarde ostentaria o nome de Tutmosis III) que era 10 a 20 anos mais novo do que Moisés.

Os restantes anos de Moisés e também dos outros atores nos eventos dramáticos daquele período podem agora ser facilmente apreendidos. Após ter tornado publicamente conhecida a sua decisão, Moisés permaneceu no Egito apenas mais dez anos, isto é, até 1485 a.C.. Então, após ter morto

um Egípcio, ele fugiu do país (Êxodo 2:12-15), porque temeu o rei do Egito (nessa altura, o governante do Egito ainda seria Tutmosis II, o pai de Hatshepsut). Seis anos após Moisés ter fugido do Egito, Tutmosis II morreu e Hatshepsut teve de agir. Ela obviamente não se sentiu confortável com a solução que consistia em casar com o jovem príncipe que se tornaria mais tarde Tutmosis III, e não havia mais nenhum outro herdeiro masculino com quem casar. Assim, num dos mais bizarros capítulos da história da Antiguidade, Hatshepsut tomou ousadamente o comando como se fosse um homem e declarou-se Faraó do Egito. Era como se ela estivesse a responder a Moisés: “Muito bem, se tu não queres cooperar e tornar-te Faraó, serei eu mesma a fazê-lo!”

Hatshepsut governou o Egito como um governante masculino durante 21 anos. Durante este período de tempo, ela mandou fazer um bom número de imagens e estátuas de si mesma, mas ela aparece sempre nelas vestida com as roupas típicas de um rei – nunca vestida de rainha. De facto, ela aparecia tipicamente nas suas estátuas e nos seus baixos-relevos com uma barba artificial para acentuar a sua “masculinidade”. Então, depois da sua ascensão ao poder, ela elevou o jovem Tutmosis III ao trono, para ser um segundo Faraó juntamente com ela. Porém, ele foi sempre forçado a aparecer numa função secundária, sempre com ela na liderança, uma função que certamente o enraivecia.

Tutmosis III revelou os seus Verdadeiros sentimentos para com Hatshepsut logo após a morte dela em 1458 a.C.. Primeiro, o corpo dela, cuidadosamente mumificado, foi tirado rudemente do sarcófago que ela tinha previamente preparado, foi lançado descuidadamente



para fora da sua câmara funerária e colocado numa pequena câmara adjacente que tinha sido preparada para receber os seus servos e as provisões necessárias para a suposta vida além-túmulo. Depois, em vários lugares por todo o Egito, as estátuas e os baixos-relevos de Hatshepsut foram sistematicamente mutilados para mostrar o desprezo que o seu sucessor sentia por ela.

Brown forneceu-nos um esplêndido artigo sobre a vida e os tempos de Hatshepsut. O seu artigo é ainda mais interessante porque ele parece não detetar o lugar que esta antiga rainha-rei pode ter tido na vida de Moisés. Mas, colocando os dois artigos lado a lado, torna-se plausível fazer uma identificação óbvia; e o artigo de Brown fornece-nos muitos detalhes interessantes sobre a primeira parte da vida de Moisés. Além disso, Brown fornece uma série de detalhes interessantes sobre a busca pela múmia de Hatshepsut, incluindo o tópico da fascinante

descoberta de um dente que eventualmente ajudou a realizar a identificação final da sua múmia.

### **Fazendo a escolha certa**

Para quem se interessar pela primeira parte da vida de Moisés, será certamente muito interessante consultar o artigo da revista *National Geographic* para ler os detalhes que ele fornece e para olhar para o rosto mumificado da mulher que adotou o menino Moisés como seu filho e que, mais tarde, falhou na tentativa de o tornar rei do Egito.<sup>6</sup>

Esta história dramática parece possuir um forte apelo, que nos encoraja a fazer as escolhas certas na vida. Podem cair sobre nós tempos difíceis quando, se escolhêssemos o caminho errado, grandes vantagens parecem ser-nos prometidas – como o trono do Egito prometido a Moisés. Mas o exemplo deste grande legislador deve encorajar-nos a considerarmos cuidadosamente as escolhas que temos de fazer e a escolher corretamente.

De outro modo, uma pessoa poderá terminar a sua história pessoal como um interessante objeto exibido num qualquer museu. Em vez de se ter tornado num tal objeto, Moisés recebeu o privilégio de ter falado com Deus face a face e de ter encorajado pessoalmente o Senhor Jesus no monte da Transfiguração. Provavelmente, Moisés possui agora uma elevada responsabilidade administrativa de algum tipo no governo celestial de Deus. Como foi bom que ele tenha sido capaz de fazer a escolha certa no momento certo! ✨

• **Richard Litke**

*Professor de Teologia*

1. Veja Hershel Shanks, "When Did Ancient Israel Begin?" *Biblical Archaeological Review*, 38, nº1 (2012), pp. 59-62, 67.
2. Chip Brown, "The King Herself", *National Geographic*, 215, nº 4, (Abril 2009), pp. 88-111.
3. *Ibidem*.
4. *Idem*, p. 94.
5. *Idem*, p. 104.
6. Veja as fotos em "Hatshepsut", *National Geographic*, <http://ngm.nationalgeographic.com/2009/04/hatshepsut/garret-photography>.

# A Necessidade do Culto Familiar

**A**ntes de eu nascer, os meus pais já tinham convidado os padrinhos para o meu batismo na Igreja Católica Romana. No entanto, como eles estavam a receber estudos bíblicos por parte de membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia, acabaram por ser batizados na nossa Igreja e, com isso, dispensaram os padrinhos com o argumento de que o bebé Luís Carlos Fonseca já não seria batizado na Igreja Católica. Mas, embora eu tenha nascido num lar Adventista, não recebi a importantíssima herança do culto familiar. Eu comecei a participar no culto doméstico apenas quando fui estudar num dos nossos colégios com internato. Depois de casado, e especialmente depois do nascimento dos nossos filhos, a minha mulher e eu começámos a fazer o culto familiar em casa e, hoje, mantemos o costume de nos reunir, pelo menos, uma vez por dia, em família, para a realização de um pequeno e agradável culto doméstico.

## O culto na Igreja

Geralmente, os Cristãos que frequentam a igreja acham que os cultos realizados aí são suficientes. É certo que há uma bênção muito especial nos cultos congregacionais, mas devemos dar atenção às orientações de Deus quanto ao culto familiar. A Bíblia menciona a necessidade que as famílias crentes tiveram de se congregarem com os irmãos. Ela é patente nos seguintes textos: “Todo o Judá estava em pé diante do Senhor, como também as suas crianças, as suas mulheres e os seus filhos” (II Crónicas 20:13). “No mesmo dia, ofereceram grandes sacrifícios e se alegraram; pois Deus os alegrara com grande alegria; também as mulheres e os meninos se alegraram, de modo que o júbilo de Jerusalém se ouviu até de longe”

(Neemias 12:43). “Não deixando a nossa congregação, como é costume de alguns, antes admoestando-nos uns aos outros; e tanto mais, quanto vedes que se vai aproximando aquele dia” (Hebreus 10:25).

Elcana subia com toda a sua família para adorar ao Senhor (ver I Samuel 1:1-5). Hoje, com certeza, os pais cristãos devem levar os seus filhos à igreja. Lemos no Evangelho de Lucas que os pais de Jesus O levaram ao templo para ser dedicado ao Senhor (ver Lucas 2:22-24). Depois, há registos de que o fizeram por ocasião da festa da Páscoa, quando Ele já tinha doze anos (ver Lucas 2:41-43).

## O culto doméstico

A maior evidência de que Jesus cresceu exposto ao ensino da Lei

era o conhecimento que Ele tinha das Escrituras, obtido em casa através dos Seus pais. É o culto familiar que faz com que uma casa seja um lar Cristão. Quando não há culto familiar na casa de um Cristão, de preferência de manhã e à tarde, a família deixa de receber a bênção especial de Deus. O culto familiar não é o mesmo que a comunhão individual, nem deve substituí-la, mas é uma renovação diária do compromisso da família de servir Deus acima de todas as coisas. É nesse momento, reverente e alegre, em que o Senhor é buscado, que o Espírito Santo é derramado sobre a família, produzindo entre os seus membros unidade e reavivamento espiritual. O culto familiar também é o principal instrumento de educação religiosa dos filhos e a sua influência é fundamental, tanto para a sua salvação, como para motivar a reforma dos hábitos e das práticas de todo o lar. O culto familiar foi ensinado tanto no Velho como no Novo Testamentos. Portanto, é uma prática também necessária nos nossos dias.

## O culto familiar no Velho Testamento

Deus sempre desejou ter a companhia dos Seus filhos. Ele comunicava-Se face a face com Adão e

Eva. Depois, instituiu o sacrifício de animais, para que os Seus filhos se lembrassem sempre d'Ele. Deus deixou orientações claras para que as famílias israelitas se reunissem e para que os pais e os sacerdotes instruísem os seus filhos em casa. É o que nos dizem os seguintes textos: “A tua mulher será como a videira frutífera, no interior da tua casa; os teus filhos como plantas de oliveira, ao redor da tua mesa” (Salmo 128:3). “E estas palavras, que hoje te ordeno, estarão no teu coração; e as ensinarás a teus filhos, e delas falarás sentado em tua casa e andando pelo caminho, ao deitar-te e ao levantar-te” (Deuteronómio 6:6 e 7). “Instrui o menino no caminho em que deve andar, e até quando

envelhecer não se desviará dele” (Provérbios 22:6).

Deus tinha deixado instruções claras para se realizar o culto familiar. O *Shema Israel* devia ser recitado em casa pelos Judeus e estava escrito num pergaminho, contendo os textos de Deuteronómio 6:4-9 e 11:13-21, e era colocado numa caixa tubular de madeira, vidro ou metal, com 7 a 10cm de comprimento, caixa essa que devia ser afixada no lado direito do umbral da porta da casa de todas as pessoas de fé judaica, a sete palmos de altura do chão e voltada para dentro da habitação.

Deus transmitiu advertências muito sérias ao sacerdote Eli, porque ele não instruíra os seus filhos devidamente. Deus disse: “Naquele

dia, suscitarei contra Eli tudo quanto tenho falado com respeito à sua casa; começarei e o cumprirei. Porque já lhe disse que julgarei a sua casa para sempre, pela iniquidade que ele bem conhecia, porque os seus filhos se fizeram execráveis, e ele não os repreendeu” (I Samuel 3:13). Eli era o tipo de crente que dedicava muito tempo aos outros, mas que se esquecia de cuidar da própria casa. Ora, o culto familiar é uma oportunidade que Deus nos dá para instruímos os nossos filhos.

### **O culto familiar no Novo Testamento**

Logo após a morte de Estêvão, quando o Cristianismo se desenvolveu com todo o ímpeto, os cul-



tos eram realizados nas casas dos filhos de Deus. Só muito mais tarde é que foram sendo edificadas igrejas para servirem de locais de culto. “E, perseverando unânimes todos os dias no templo, e partindo o pão em casa, comiam com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus, e caindo na graça de todo o povo. E cada dia acrescentava-lhes o Senhor os que iam sendo salvos” (Atos 2:46 e 47). “E todos os dias, no templo e de casa em casa, não cessavam de ensinar, e de anunciar a Jesus, o Cristo” (Atos 5:42). “Não me esquivei de vos anunciar coisa alguma que útil seja, ensinando-vos publicamente e de casa em casa” (Atos 20:20).

Jesus é um belo exemplo de como a educação recebida da parte dos pais e ministrada no lar foi crucialmente importante. Como Jesus era judeu, Ele foi educado lendo e recitando o *Shema* e recebendo as orientações de José e de Maria. É-nos dito de Jesus: “E crescia Jesus em sabedoria, e em estatura, e em graça para com Deus e os homens” (Lucas 2:52). Isto significa que Ele crescia intelectual, física e espiritualmente. Ele recebeu edu-

cação de alta qualidade. A Sua mãe era assistida por Deus e pelos anjos na missão de educar o futuro Salvador. Embora houvesse uma escola na sinagoga, Jesus não frequentou nenhuma escola e recebeu a educação no lar e no meio da Natureza. Foi o próprio Pai, através do Espírito Santo, que instruiu Maria na educação do Seu filho. Maria ensinava a Jesus as Sagradas Escrituras e Ele aprendeu a ler e a estudar por Si mesmo. Jesus também gostava de estudar as maravilhas da Criação de Deus, na Terra e no céu. No livro da Natureza, Ele aprendia sobre as plantas e os animais, sobre o Sol e as estrelas.

Lucas revela-nos, no livro de Atos dos Apóstolos, detalhes sobre a existência de um ambiente de busca do Senhor nas casas daqueles que hospedavam Paulo e os seus colaboradores. “E no dia seguinte, partindo dali Paulo, e nós que com ele estávamos, chegámos a Cesareia; e, entrando em casa de

Filipe, o evangelista, que era um dos sete, ficámos com ele. E tinha este quatro filhas virgens, que profetizavam” (Atos 21:8 e 9). A referência às filhas profetizas de Filipe, que realizavam o que fora predito pelo profeta Joel (Joel 2:28), revela a existência de um ambiente de oração e de manifestação dos dons espirituais dentro da casa de Filipe, o evangelista. Além dos encontros públicos, como o que se dava no pátio do templo, era nas casas que a Igreja de Cristo não só partia o pão para tomar a ceia do Senhor, como também louvava Deus e ganhava outras pessoas para Jesus. Era também nas casas que a palavra do Senhor era pregada.

### **O culto familiar nos nossos dias**

É através do culto em família que, como indivíduos, famílias e Igreja, somos convidados para a celebração das bênçãos de Deus e somos chamados a solicitar a Sua proteção. Infelizmente, algumas





famílias já deixaram de se reunir à volta da mesa para as refeições e cada um toma a sua refeição no seu canto. Se assim fazem é porque falta a unidade necessária para a realização do culto familiar, que é a refeição espiritual doméstica. É porque deixámos de praticar muitas tarefas em conjunto, como família, porque hoje nos parece algo estranho e desconfortável tentar reunir a família para orar e adorar Deus. Uma família cristã deve aprender a prática da oração conjunta. Não quero dizer que devemos sempre orar juntos, pois a vida de oração e de devoção a Deus deve também ter um carácter individual, mas a oração deve ainda acontecer no ambiente familiar. Quando uma família ora em conjunto, ela usufrui da ação de princípios espirituais operando em seu favor que os seus membros, orando sozinhos, nunca chegam a experimentar.

Como pais, temos a responsabilidade de ministrar o Evangelho aos nossos filhos e de os corrigir no caminho do Senhor. Os pais crentes têm diante de si, no culto familiar, uma grande oportunidade para

ensinar os filhos nos caminhos do Senhor. Senão, note estes textos: “E vós, pais, não provoqueis à ira vossos filhos, mas criai-os na disciplina e admoestação do Senhor” (Efésios 6:4). “E que desde a tua meninice sabes as sagradas Escrituras, que podem fazer-te sábio para a salvação, pela fé que há em Cristo Jesus” (II Timóteo 3:15).

Quais são as vantagens de se realizar o culto familiar? Se não queremos ter sérios problemas futuros com os nossos filhos e com o nosso matrimónio, temos de nos dedicar a ministrar em favor dos nossos, temos de ensinar e de proteger espiritualmente a nossa família. Quando fazemos o nosso culto familiar, instruimos os nossos filhos de forma prática sobre como viver o Evangelho entre os seus amigos de escola. Desta forma, eles também saberão seleccionar os programas de TV, o tipo de música que ouvem e as suas amizades. A comunicação no seio da família torna-se fácil, pois o Espírito Santo atua no seio do lar. Nós, os pais, perguntamos como vão as coisas e eles abrem o coração so-

bre as suas dificuldades. Depois, podemos orar juntos. Realizando o culto familiar, também permitimos que eles partilhem o que estão a descobrir acerca das verdades da Bíblia no seu tempo de leitura e de estudo pessoal e temos a possibilidade de os ensinar sobre como podem viver e aplicar as verdades bíblicas no quotidiano. Portanto, são inúmeras as vantagens do culto familiar!

É por isso que Deus nos deixou estas importantes orientações: “Em cada família deve haver um tempo determinado para os cultos matutino e vespertino. Que apropriado é os pais reunirem os filhos em redor de si, antes de quebrar o jejum, agradecer ao Pai celeste a Sua proteção durante a noite e pedir-Lhe auxílio, guia e proteção para o dia! Que adequado, também, em chegando a noite, é reunirem-se uma vez mais em Sua presença, pais e filhos, para agradecer as bênçãos do dia findo!” (Ellen White, *Orientação da Criança*, p. 520.)

• **Luís Carlos Fonseca**  
Pastor

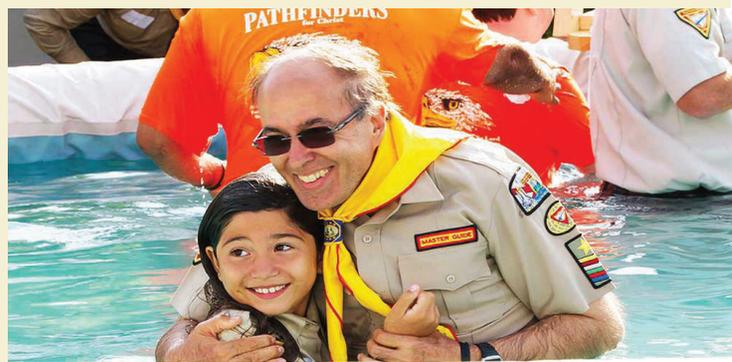


## Mais de 600 Desbravadores Batizados num Gigantesco Camporee em Oshkosh

AR/RA

Centenas de adolescentes com idades compreendidas entre os 10 e os 15 anos aceitaram o desafio de serem “Fiéis para sempre” e foram batizadas num Camporee no Wisconsin, Estados Unidos da América. Realizado no aeródromo da cidade de Oshkosh, o Camporee teve lugar de 11 a 16 de agosto e contou com 44 000 Desbravadores norte-americanos e 2000 Desbravadores vindos de 50 outros países. O evento teve por tema o lema “Fiéis para sempre” e focou-se no livro de Daniel, tendo sido realizadas representações dramáticas noturnas que

reproduziram a vida de Daniel. Os programas foram realizados num anfiteatro ao ar livre dotado de cinco grandes ecrãs de vídeo, onde tiveram lugar, cada noite, um resumo do dia em vídeo, um teatro de marionetas, exibições de talentos em Desbravadorismo, canções de louvor e uma palestra de dez minutos realizada por Sam Leonor, capelão da Universidade La Sierra. As atividades diurnas incluíam diversos serviços prestados à comunidade, tais como limpar as margens do lago Winneconne ou carregar camiões num centro comunitário do Exército



de Salvação. Os adolescentes também receberam insígnias por participarem em diversas atividades de formação. Mais de 600 Desbravadores foram

batizados ao longo do Camporee. Esta foi a quarta vez que foi realizado em Oshkosh o Camporee da Divisão Norte-Americana. ✦

## Projeto de Colportagem Inovador na Ucrânia

AR/RA

Colportores na Ucrânia têm usado recentemente meios de transporte especiais para alcançar as pessoas e distribuir livros sobre a nossa mensagem em lugares onde os missionários raramente vão. Há já dez anos que têm sido organizados Acampamentos de Colportagem na União Ucrâniana, integrada na Divisão Euro-Asiática. Estes acampamentos têm por base um programa conhecido por “Caiques e Bicicletas”. Todos os verões, centenas de Colportores, estudantes

e membros de Igreja vão em caiaques pelos rios da Ucrânia, levando o Evangelho a aldeias e vilas remotas. Outros levam a literatura Adventista em bicicletas. Este verão, cerca de 35 Colportores reuniram-se nas margens do rio Seym, muitos dos quais eram adolescentes e jovens adultos. Munidos de 17 bicicletas, cinco caiaques e num catamaran, os Colportores começaram a descer o rio. Eles visitaram povoações, distribuíram literatura, falaram com as pessoas e oraram com elas.

Vasily Djulay, Diretor de Publicações da União Ucrâniana, organizou uma viagem até Baturyn, um dos acampamentos onde os Colportores estavam estacionados. Chovia torrencialmente. No acampamento os visitantes vindos de Kiev tiveram de vestir gabardinas de plástico e procurar abrigo sob lonas de plástico apoiadas nos remos dos caiaques. Eles deram graças a Deus pela extraordinária dedicação dos Colportores. Quase todos eles tinham as roupas molhadas, mas os seus



olhos brilhavam devido ao privilégio de poderem oferecer livros plenos de verdade àqueles que ainda desconheciam a mensagem Adventista. ✦

## A Igreja Adventista Patrocina o Primeiro Festival da Liberdade Religiosa na Grã-Bretanha

AR/RA

A Igreja Adventista do Sétimo Dia na Grã-Bretanha realizou o seu primeiro Festival da Liberdade Religiosa, durante o qual os líderes Adventistas apresentaram alguns desenvolvimentos no campo da liberdade religiosa e incentivaram

os membros de Igreja para que continuem a defender o direito das pessoas de todas as religiões à liberdade religiosa. Mais de 2000 pessoas assistiram ao festival “Liberdade para adorar”, realizado no sábado, 16 de agosto de 2014, no cen-

tro de convenções de Bethel, em West Bromwich. Estiveram presentes dois membros do Parlamento, John Speller e David Jamison, bem como líderes de outras religiões. O evento assentou numa combinação de música, adoração, oração e

aprendizagem. O capelão do Senado dos Estados Unidos e pastor Adventista, Barry Black, foi o principal orador. John Graz, Diretor dos Assuntos Públicos e da Liberdade Religiosa da Conferência Geral partilhou um relatório sobre o estado da

liberdade religiosa no mundo, sublinhando os novos desafios e os acontecimentos recentes no Iraque. Ele enfatizou que os Adventistas devem defender a liberdade de consciência para todos, crentes e não crentes. John Graz, Ganoune Diop e Dalbert Baker participaram ainda numa discussão sob o tema da liberdade de consciência. O evento foi encerrado com um agradecimento a Deus e ao governo do Reino Unido pela liberdade religiosa que existe no país. ✦

## Remodelação dos Escritórios do Patrimônio Literário de Ellen G. White

AR/RA

Os escritórios do Patrimônio Literário de Ellen G. White, situados na sede da Conferência Geral, em Silver Springs, Maryland, sofrerão uma remodelação a partir de 15 de agosto. As instalações deverão reabrir ao público em meados de abril de 2015. Atualmente, o Patrimônio Literário de Ellen G. White está dotado de uma biblioteca especializada, de arquivos contendo os manuscritos originais de Ellen White e de obras de Arte especificamente criadas para o local. O objetivo da remodelação é o de se passar a oferecer exposições temáticas interativas sobre a vida e a obra de

Ellen White. “Nós queremos que as pessoas tenham uma experiência semelhante a uma visita a um museu e terminem a sua visita aos Escritórios do Patrimônio Literário com um conhecimento acrescido sobre Ellen White”, diz-nos o Diretor, James Nix. De facto, depois da remodelação, os Escritórios do Patrimônio Literário conterão informações sobre o começo da Igreja Adventista do Sétimo Dia, exposições que apresentam informações sobre a vida de Ellen White, nomeadamente sobre as suas experiências missionárias na

## Pastor Adventista Escapa ao Conflito na Ucrânia Oriental

AR/RA

A Igreja Adventista do Sétimo Dia de Debaltseve, na região ucraniana de Donetsk, foi fortemente danificada durante ferozes combates na noite de domingo, 27 de julho, quando as forças ucranianas conquistaram a cidade aos separatistas pró-russos. Uma granada de morteiro atingiu a igreja, fazendo cair o teto e causando danos à estrutura. O pastor Sergei Kobzar e a sua esposa, que se tinham refugiado na cave da igreja, conseguiram escapar à justa sem qualquer

ferimento. Ele disse que cada explosão que ocorria perto da igreja fazia levantar uma nuvem de pó na cave, tornando-se difícil respirar. O Leste da Ucrânia tem vivido nos últimos três meses um conflito entre separatistas e forças governamentais. Mais de 1000 pessoas já foram mortas. Na cidade de Debaltseve os confrontos começaram na sexta-feira, 25 de julho, e na manhã seguinte o pastor Kobzar telefonou a todos os membros da igreja para determinar se estavam

bem. Todos os membros se encontravam em segurança. A partir do dia 15 de julho, Kobzar e a mulher passaram duas noites em claro na cave da igreja, sem comida, com pouca água e sob a pressão de bombardeamentos contínuos. Depois de terminados os combates na segunda-feira, 28 de julho, o pastor Kobzar e a sua mulher conseguiram abandonar a cidade em segurança. Presentemente, Sergei e Tatyana Kobzar estão seguros na cidade de Dnepropetrovsk. ✦

## O Governo da Guatemala Inaugura uma Iniciativa Adventista de Promoção da Saúde

AR/RA

Milhares de jovens Adventistas demonstraram a sua dedicação a um estilo de vida saudável enquanto o Ministro da Saúde da Guatemala inaugurava uma iniciativa Adventista de promoção da saúde no Palácio Nacional da Cultura, no dia 31 de julho. O evento reuniu líderes do Governo

e de organizações de saúde na promoção da iniciativa “Eu quero viver saudável” da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Esta iniciativa assenta num plano que promove oito hábitos saudáveis, como beber água pura, consumir frutos e vegetais, repousar e ter uma atitude positiva perante a vida. “Obrigado por partilharem esta iniciativa”, disse Jorge Villavicencio, Ministro da Saúde da Guatemala. “O vosso apoio e a vossa preocupação com a saúde do nosso país ajudarão a prevenir doenças que afetam a nossa nação. Não sabemos como vos recompensar pelo apoio prestado a esta iniciativa.” O lançamento da iniciativa foi realizado num de quatro locais espalhados pela capital

do país, onde estavam instaladas clínicas móveis que ofereciam exames médicos, atividades de promoção da saúde, sessões de nutrição e outros serviços de saúde conduzidos pelo Governo da Guatemala. Os jovens Adventistas, que tinham viajado para a Guatemala para participarem no Congresso da Juventude Adventista, percorreram as ruas da capital e distribuíram folhetos a anunciar a iniciativa. O Governo da Guatemala adotou esta iniciativa Adventista de promoção da saúde depois de ter recebido indicações da Organização de Saúde Pan-Americana para que a Igreja Adventista na Guatemala fosse contactada de modo a tornar-se sua parceira. ✦

Europa e na Austrália, e um mural com narração em cinco línguas. Haverá também uma exposição que incluirá exemplares do livro *Aos Pés de Cristo* em mais de 100 línguas. O

percurso expositivo terminará numa pequena capela, onde se exibirá um vídeo que desafia os visitantes a tomarem parte na missão de espalhar o Evangelho empreendida por Ellen White. ✦





## Decisões do Tribunal Constitucional Português Favoráveis a Adventistas

Paulo Sérgio Macedo

Dois acórdãos históricos do Tribunal Constitucional alargam a interpretação da Lei de Liberdade Religiosa, relativamente à guarda de um dia de descanso semanal e respetiva dispensa de trabalho por motivos religiosos.

A Lei 16/2001 – Lei da Liberdade Religiosa – apesar de representar um enorme avanço relativamente à proteção da liberdade de consciência, culto e religião, contém, no seu artigo 14º, algumas condições, de cuja verificação depende a dispensa de trabalho no dia de descanso semanal. A interpretação destas condições por alguns empregadores, ao longo do tempo, tem suscitado obstáculos e dificuldades a trabalhadores Adventistas. Por causa de uma dessas condições (número 1, alínea a), que prevê que os trabalhadores têm direito a suspender o seu trabalho em dias de descanso semanal por motivos religiosos, desde que trabalhem em regime de flexibilidade de horário, diversos trabalhadores, não trabalhando nesse regime, mas em regime de turnos, viram ser-lhes negado esse direito, mesmo cumprindo as restantes condições.

Ao longo dos últimos anos, a União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia tem

procurado sensibilizar as autoridades públicas para estas dificuldades e para a premência de se refletir na necessidade de alterar este artigo, de forma a permitir o respeito pelo espírito de abertura da lei que está na sua gênese. Este esforço teve eco na resposta de S. Ex.ª, o Sr. Provedor de Justiça, que encontrou razões para interpelar o Ministério da Justiça, o qual, por sua vez, decidiu interpelar a Comissão de Liberdade Religiosa, que tem, neste momento, em agenda a reflexão sobre o tema.

Por outro lado, sempre que foi requerido o seu apoio, a União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia tem procurado fornecer aos seus membros a informação e os instrumentos conducentes à sensibilização dos empregadores privados, nos casos em que as dificuldades de dispensa de trabalho ao Sábado surgissem.

Por todas estas razões, a Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal tem acompanhado com expectativa dois casos concretos em que esta problemática foi levantada, sendo que ambos se centram na questão de saber se um trabalhador, Adventista do Sétimo Dia, trabalhando num regime laboral diverso do da flexibilidade de traba-



lho – em ambos os casos o regime de turno – teria ou não o direito de lhe ser concedida dispensa de trabalho ao Sábado, como dia de descanso por motivos religiosos.

Depois do percurso normal pelos vários níveis de Tribunais, sendo que em todos as decisões se mostraram negativas nessa aspiração, os dois casos chegaram à análise e decisão do Tribunal Constitucional. Em ambos os casos, o Tribunal Constitucional considerou que a norma em causa, o artigo 14º, número 1, alínea a, deve ser interpretada no sentido de aí incluir também o trabalho prestado em regime de turno. O Tribunal Constitucional também revogou as anteriores decisões desfavoráveis a estes dois trabalhadores Adventistas, ordenando que elas sejam reformuladas tendo em conta esta interpretação. Os casos continuarão, a partir daqui, o seu processo normal, aguardando-se que sejam proferidas essas decisões pelos Tribunais Judiciais competentes.

A União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia congratula-se com esta decisão, não só pela consequência favorável para os membros em causa, mas também pelo seu contributo para o aprofundamento do conceito e da prática da liberdade religiosa, para a qual a Lei 16/2001 tanto tem contribuído no nosso país, e para cujo cumprimento do espírito reconhecemos o esforço das autoridades oficiais, políticas e de justiça e, em concreto, do Tribunal Constitucional.

Damos graças a Deus pelo Seu cuidado e pela Sua proteção, bem como Lhe pedimos sempre o discernimento para compreendermos a realidade do tempo e a força e a confiança para a viver, na consciência de que toda ela, em bonança ou em tempestade, é uma oportunidade para testemunhar. Pois o Seu é um Espírito de “poder, amor e moderação” (II Timóteo 1:7). ✨

**Paulo Sérgio Macedo**

*Dep. de Liberdade Religiosa e Assuntos Públicos da UPASD*

## VI Encontro de Antigos Alunos, Docentes e Não Docentes do CAOD

AD7News/RA

O Encontro de Antigos Alunos, Docentes e Não Docentes do Colégio Adventista de Oliveira do Douro já vai na sua 6ª edição, num ano em que esta instituição comemora 40 anos de existência. O encontro no sábado, 28 de junho,

nas instalações do Colégio, proporcionou a todos os participantes uma oportunidade enriquecedora para recordar histórias e memórias. Quem estudou no Colégio Adventista de Oliveira do Douro – o CAOD – viveu uma experiên-

cia que jamais esquecerá. Durante todo o dia, vários antigos alunos do CAOD passaram pelas instalações, tendo havido ocasião para momentos de louvor a Deus pelas inúmeras bênçãos alcançadas. Durante os 40 anos de história do

CAOD frequentaram as suas instalações três gerações diferentes de alunos. E todos eles foram unânimes em recordar que a experiência educativa no CAOD foi um dos melhores momentos da sua vida. ✨

# Conferências Para Além da Imaginação na Brandoa

Carlos Silva, Ancião

Não tinha sido planeado que a igreja da Brandoa fizesse a sua campanha. O plano original era que a Brandoa se associasse às igrejas da Amadora e da Reboleira, de modo que a três fizessem uma campanha em conjunto. Porém, Deus tem os Seus planos, pois não conseguindo as três igrejas encontrar uma sala para realizar a campanha em conjunto, o Conselho da igreja da Brandoa concluiu que seria melhor levar a efeito a campanha na sua igreja. Estávamos a apenas três semanas do início da campanha quando o Conselho da igreja tomou esta

decisão. Como já não havia tempo para escolher um pregador vindo de fora e dado que os obreiros se encontravam já distribuídos pelas campanhas das igrejas de Queluz e do Cacán, optou-se por se nomear um membro leigo. Foi assim que o Conselho da igreja escolheu o irmão Francisco Silva, colportor, para que fosse ele o pregador durante a campanha. Consideramos que a mão de Deus dirigiu esta campanha, porque os resultados foram bastante positivos, como se pode ver pelo número de presenças. Os resultados foram os seguintes: Tivemos uma

média por noite de 35 membros de igreja, num universo atual de 55, e uma média por noite de 7 visitas, sendo que, na noite em que houve menos visitas, tivemos 4, e na noite em que tivemos mais visitas elas foram 13. Começámos as conferências, na primeira noite, com 50 membros de igreja e 5 visitas e terminámo-las, na última noite, com 50 membros e 9 visitas. Houve também um programa infantil cada noite, com a presença de 8 crianças. Note-se que as visitas acima mencionadas foram pessoas convidadas para as conferências que não eram visitas ha-

bituais da igreja, mas vieram pela primeira vez. A cada visita foi oferecida uma cópia de todas as palestras, para poderem revê-las em casa. Também é de salientar que há duas destas visitas que já estão a frequentar a igreja aos sábados de manhã. Estamos a dar continuidade a este trabalho com visitação e com estudo da Bíblia. Em conclusão, esta experiência ajudou-nos a perceber que, quando todos os membros se envolvem, os resultados surgem e Deus abençoa. Por isso, Deus seja louvado e a Ele seja dada toda a honra e toda a glória! ✨

## Batismo em Vila Nova de Gaia

Manuela Matos, Secretária

No sábado, 21 de junho, a nossa querida irmã Newlman Faria desceu às águas batismais, para grande alegria de toda a Igreja de Vila Nova de Gaia. Natural de Angola, mas residente na Holanda, a irmã Newlman frequentava a Igreja Universal do Reino de Deus, onde chegou a apresentar o seu filho, ainda bebé; no entanto, chegava a casa sempre “vazia”, pois sentia que não lhe era ensinada a verdade conforme está revelada na Palavra de Deus. Em 2007, o seu filho adoeceu com uma otite grave e ela foi aconselhada por uma amiga a procurar na Internet um ministério de oração de intercessão. Depois de pesquisar, encontrou um canal Adventista americano, entrou no site “Je-

sus Voltará”, começou a fazer comparações e percebeu que existia uma grande diferença doutrinária entre a Igreja Adventista do Sétimo Dia e a Igreja Universal do Reino de Deus. Procurou, então, uma Igreja Adventista perto da sua residência e ficou surpreendida ao saber da existência de um templo Adventista numa rua por onde já tinha passado inúmeras vezes. No sábado seguinte, entrou na igreja para assistir ao culto, tendo sido muito bem recebida. Entretanto, em 2009, veio estudar para Portugal com uma bolsa Erasmus. Mais uma vez procurou a Igreja Adventista, descobrindo que esta também ficava perto da sua casa. Aqui teve o acompanhamento do irmão Vasconcelos (que ela



considera ser o seu “pai branco”) e também da obreira bíblica Fátima Nunes. Terminados os necessários estudos bíblicos, Newlman foi batizada pelo Pastor Luís Rosa. Hoje diz que en-

controu uma segunda família que verdadeiramente a apoia, sentindo-se plenamente preenchida, pois frequenta uma Igreja que pratica os autênticos ensinamentos bíblicos. ✨

## Festa da Família 2014 no LAPI Sul

Direção LAPI Sul

No dia 15 de junho, os integrantes do LAPI Sul viveram momentos memoráveis de convívio com os seus amigos e as suas famílias. O dia estava bonito. Pelas 15 horas, deu-se início à festa, com

uma animada participação das colaboradoras. Estas cantaram duas canções, uma das quais com a letra adaptada às atividades do LAPI. Os idosos residentes também participaram com canções e poemas,

ensaiados durante o mês de maio. Quando se pensava que a festa ia terminar, eis que apareceram os palhaços Bata-tinha e Sabonete, incarnados por duas colaboradoras do Lar. Tinham sido também prepara-

dos alguns jogos tradicionais, mas, como estava muito calor, os idosos acabaram apenas por conviver e por aproveitar o lanche oferecido. Assim se passou mais uma Festa da Família no LAPI Sul. ✨

# Crescendo Segundo o Exemplo do Grande Líder...

Pr. Paulo Neves

No dia 19 de julho de 2014, a Juventude Adventista de Braga realizou um programa de Investiduras para mostrar aos jovens a importância da consagração a Deus e à Sua causa. Este dia, em que vários jovens receberam o lenço como resultado da sua dedicação, ficou registado na história do Desbravadorismo bracarense como um marco do crescimento e do empenho de uma geração em desenvolvimento. Entre insígnias e classes progressivas recebidas, fica também registada a visão da Juventude Adventista de Braga na propagação da “Mensagem

do Advento a todo o Mundo nesta Geração”. Esta Cerimónia contou com a presença do Pastor Paulo Neves, que apadrinhou estas Investiduras na qualidade de Líder convidado, e contou também com a presença da Dirigente Catarina Antunes, enquanto membro da Comissão Regional Norte. Desejamos aos jovens de Braga as maiores e mais agraciadas bênçãos do Alto, incentivando-os a prosseguirem rumo à excelência de caráter, com os olhos sempre postos no Líder máximo, o nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. ✦



## E os Anjos Também Cantaram...

Pr. Paulo Neves

Foi com muita alegria que a Igreja Adventista do Sétimo Dia de Braga recebeu no seu rol de membros a jovem Tânia Carvalho, que se entregou ao Senhor, mergulhando nas águas batismais no dia 26 de julho de 2014. Este momento ficará registado para sempre nas memórias do Céu, pois mais uma pecadora foi resgatada pelas cordas do amor divino. Neste dia, o Céu rejubilou e as vozes dos anjos uniram-se às imperfeitas, mas dedicadas, vozes que ecoaram na abóbada da referida igreja. Através do seu batismo, a Tânia tes-



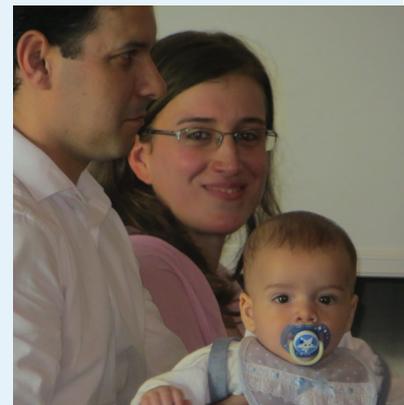
temunhou publicamente da sua decisão de ficar ao lado do seu amigo Jesus, renunciando ao pecado e começando desta forma uma caminhada rumo à Pátria Celestial. É com prazer que damos as boas-vindas à Tânia como membro efetivo desta Igreja, desejando que as bênçãos de Deus recaiam sobre ela e sobre a sua família. Deixamos um pensamento final para a Tânia e para todos aqueles que desejem abraçar o Senhor, passando pelas águas batismais: “Entrega o teu caminho ao Senhor, confia nele, e ele tudo fará” (Salmo 37:5). ✦

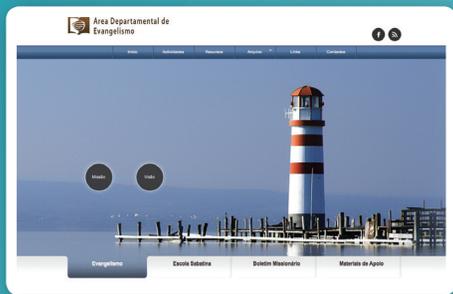
## Toma, Senhor, Este Cordeirinho nas Tuas Mãos...

Pr. Paulo Neves

Foi no mesmo dia da entrega batismal da sua prima Tânia, o bendito dia 26 de julho de 2014, que o Rodrigo Esteves foi dedicado ao Senhor na Igreja Adventista do Sétimo Dia de Braga. Com os seus tenros quatro meses, este filhinho de Deus foi apresentado diante do Trono da Graça em oração, para aí ser depositada a sua vida nas mãos do Senhor. Rogamos ao Altíssimo que abençoe, proteja e dirija sempre

este Seu cordeirinho para pastos verdejantes. Os seus pais, familiares e amigos fizeram questão de marcar presença neste momento único na vida do Rodrigo, para unirem o seu louvor ao louvor dos anjos em gratidão pelas bênçãos vindas do Deus do Céu. Que o nosso Pai Celestial dê sabedoria aos pais do Rodrigo e à igreja de Braga para encaminharem este seu rebento nos caminhos sagrados do Senhor. ✦





Departamentos

Veja estes e outros recursos que a sua Igreja lhe oferece!



Juventude

[www.adventistas.org.pt](http://www.adventistas.org.pt)



A SUA **IGREJA**  
NA INTERNET

Instituições



Comunicação



# Cenas nos Bastidores

OS SAMARITANOS DE HOJE  
ESTÃO POR AÍ,  
TENTANDO DESANIMAR  
O POVO DE DEUS.

**E**mbora seja um dos menores capítulos do livro, Daniel 10 brinda-nos com uma significativa mensagem. Ele contém o prólogo histórico do último plano profético (11:2-12:12) e é importante não apenas por nos oferecer dados referenciais

interessantes (como a época, o local e as circunstâncias da visão dada a Daniel), mas, antes de tudo, por revelar o que se desenrola no mundo invisível, quando as forças espirituais do Bem e do Mal contendem. Por isso, eu dou-lhe o seguinte título: “Cena nos bastidores.”

## **A época da visão**

O capítulo informa que Daniel teve a visão “no terceiro ano de Ciro” (v. 1), que passou para a História como o fundador do Império Persa em 558 a.C.. Mas o tempo desta visão não é 555 a.C., porque o contexto da afirmação de Daniel é

o reinado de Ciro em Babilónia. Ele conquistou-a em 539 a.C., entregando o trono a Dario, quando este tinha já 62 anos (Dan. 5:31). Não é provável que Dario tenha ocupado o trono de Babilónia por mais de três anos (cálculo inclusivo). Ellen White afirma que a morte dele se deu “cerca de dois anos depois da queda de Babilónia” (Ellen White, *Profetas e Reis*, p. 535).

Naquele tempo, o ano em que um rei subia ao trono era computado como o ano de ascensão, sendo o ano seguinte o seu primeiro ano. Assim, pode ser estabelecida esta sequência de datas alusivas ao reinado de Dario e Ciro em Babilónia (ver caixa).

ANO A.C.	EVENTO
539	Ano da ascensão de Dario
538	1º ano de Dario
537	2º ano de Dario
537	Ano da ascensão de Ciro
536	1º ano de Ciro
535	2º ano de Ciro
534	3º ano de Ciro

Este cálculo coincide com II Crónicas 36:22 e 23 e com Esdras 1:1-3, onde se afirma que “no primeiro ano de Ciro” foram os Judeus autorizados, mediante decreto, a regressar a Jerusalém e reedificar o templo. Aí se cumpria o período de setenta anos de cativo, previsto por Jeremias (ver 25:11; 29:10), iniciado em 605 a.C. com a deportação da primeira leva de Judeus para Babilónia. Até 536 a.C., o primeiro ano de Ciro, contam-se exatamente setenta anos.

Assim, 534 a.C. é o terceiro ano de Ciro, três anos após a emissão do decreto. Essa foi a época das dificuldades criadas pelos Samaritanos com as suas intrigas contra os Judeus diante de governan-

tes persas (ver Esd. 4:1-5). Foi um momento de crise, e Daniel não somente soube dela, mas, por meio da visão, percebeu o que estava a ocorrer “nos bastidores”.

Ele contemplou em visão dois seres celestiais: um em glória e majestade (vv. 4-9), sem dúvida Miguel; e outro que conversou com ele e o animou (vv. 10-14; 10:19-11:1), com certeza Gabriel. A maneira como Daniel descreve a visão em que surge Miguel aproxima-se da maneira utilizada por João, quando ele viu o Cristo glorificado em Patmos (Apoc. 1:13-16). Com efeito, Ellen White declara: “Ninguém menos do que o Filho de Deus apareceu a Daniel” (*Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. 4, p. 1173).

O anjo disse-lhe que tinha vindo para informá-lo sobre o que aconteceria com o povo dele “nos últimos dias” (v. 14). Essa fórmula, em Daniel, possui sentido escatológico; aponta para o tempo da culminação da Redenção. No capítulo 2, por exemplo, ela aplica-se ao período da História representado pelos pés de barro e ferro (vv. 28, 33, 41-43), quando o Reino de Deus será estabelecido e dominará o mundo (vv. 44 e 45). Assim, a mensagem do anjo a Daniel estava relacionada com o que aconteceria com o povo de Deus nos dias finais.

Isto é exposto no capítulo 11, a partir do versículo 40, e, mais explicitamente, em 12:1 e 2. Nesse tempo, o rei do Norte “sairá com grande furor, para destruir e exterminar a muitos”, avançará “contra o glorioso monte santo”, para, então, chegar “ao seu fim”; haverá “um tempo de angústia qual nunca houve”, quando, então, Miguel “se levantará” como “defensor dos filhos do teu povo”, despertando os que dormem “no pó da terra”.

### Seres angélicos em combate

Aparentemente, as dificuldades decorrentes das intrigas dos Samaritanos contra os Judeus eram só o resultado do antagonismo entre os dois grupos; mas Daniel, através da visão, entendeu o que estava a acontecer: forças espirituais estavam em luta, as do Mal procurando implementar uma situação danosa para a obra de Deus e as do Bem atuando para neutralizar os desígnios malignos. Não é, pois, por acaso, que Daniel tinha afirmado que a visão “envolvia grande conflito” (v. 1).

A consciência desses factos gerou profunda angústia no profeta, então com cerca de 90 anos. Ele orou intensamente, pranteando e parcialmente jejuando durante 21 dias (v. 3). O tempo especial de oração e jejum de Daniel foi o mesmo em que o “grande conflito” se processou (v. 13). Por outras palavras, aquele ancião colocou-se ao lado de Deus para lutar em favor da Sua obra num tempo de crise. O que nos diz uma tal atitude, uma vez que vivemos na fase decisiva do Grande Conflito? Como Ellen White afirma, “dia-a-dia prossegue o conflito entre o Bem e o Mal. Porque os que têm tido muitas oportunidades e vantagens não percebem a intensidade dessa obra? [...] Como um povo, não compreendemos o grande conflito que prossegue entre agentes invisíveis” (*Exaltai-O* [MM 1992], p. 371).

A pergunta geralmente feita com respeito ao versículo 13 é: Quem é “o príncipe do reino da Pérsia”? Não é Ciro, nem o seu filho Cambises. Em Daniel, “príncipe” não se refere ao filho de um rei terrestre; o termo alude a seres espirituais. Em 9:25 é o Messias, isto é, um ser humano de facto, mas antes o pré-existente Filho de Deus, que, em 10:21, é identificado como “Miguel, vosso príncipe”. No texto de Daniel 10,



o “príncipe” é um elemento demoníaco agindo na Pérsia (v. 13); em seguida, outro, na Grécia (v. 20). Quanto ao primeiro, Ellen White afirma que o próprio Satanás estava lá: “O rei da Pérsia estava controlado pelo mais elevado dos anjos maus” (carta 201, 1899). Portanto, os Samaritanos cumpriam um desígnio satânico.

Teríamos aqui, então, o embate entre dois anjos: Gabriel e Satanás. A luta prosseguiu por 21 dias sem definição. O triunfo de Gabriel foi obtido apenas quando Miguel veio ajudá-lo. Não é verdade que Cristo é o Senhor de qualquer vitória? O final do versículo 13 registra que, com o auxílio de Jesus, Gabriel obteve a “vitória sobre os reis da Pérsia”. O original hebraico registra: “Eu fiquei com os reis da Pérsia”, estando subentendido que as forças opostas tinham debandado. Portanto, o sentido de vitória está implícito. De facto, novos reis persas subiram ao poder e novas circunstâncias adversas tiveram lugar. O livro de Ester, por exemplo, comprova esse facto. Nada, porém, poderia obstar a obra de Deus, pois a vitória já estava ganha.

### **Lição para a Igreja**

Costumamos dizer que nada pode impedir a obra de Deus, e é verdade. Mas há uma exceção: Nós mesmos poderemos impedir o êxito dessa obra em nós e por nós. Durante a reconstrução do templo, os Judeus acobardaram-se diante das intrigas samaritanas; desanimaram diante das dificuldades (Esd. 4:4) e cessaram de construir (v. 24). A reconstrução foi retomada apenas no tempo de Dario I, outro rei persa, uns quinze anos depois da visão de Daniel 10. Não

nos é relatado em que momento eles cessaram a obra. Ellen White afirma que “por mais de um ano o templo foi negligenciado e quase abandonado”; mas podemos crer que muito mais tempo esteve envolvido. O nosso Comentário Bíblico fala de uma obra interrompida “por muitos anos” (*Idem.*, vol. 3, p. 343). Tudo porque desanimaram! Recuaram diante de um inimigo já derrotado.

E conosco, é diferente a experiência? Não é verdade que, mais de uma vez, Ellen White afirmou que já poderíamos ter encerrado a missão e estar a desfrutar da eternidade com Deus? Todavia, estamos neste velho mundo ainda, porque o “templo” permanece inacabado.

O exemplo dos Judeus de então está diante de nós. Porventura iremos também acobardar-nos diante de dificuldades que surgem no nosso caminho? Dificuldades criadas, por exemplo, pelos “Samaritanos” modernos?

Do livro *A Igreja em Perigo*, p. 11, destaque esta reflexão: “o inimigo continua mais ativo do que nunca, 'sabendo que pouco tempo lhe resta' (Apoc. 12:12). Ellen White previu que movimentos dessa natureza [isto é, da natureza da dissidência de Kellogg], que demonstram o conflito entre Cristo e Satanás, continuariam até ao fim, e cada vez mais intensamente... Uma das estratégias satânicas atuais é fomentar, entre os Adventistas, especulações nesta ou naquela direção, fazendo surgir controvérsias teológicas (tal como se nota presentemente em relação à natureza e à personalidade de Deus). O seu objetivo é tentar distraí-los do cumprimento da sua principal tarefa: a pregação da tríplice mensagem angélica. Ellen

White foi suficientemente incisiva a esse respeito: 'Não deve ser enfrentado [o panteísmo assumido por Kellogg] retirando nossas forças operantes do campo a fim de investigar doutrinas e pontos de divergência. Não temos tal investigação a fazer' (*Mensagens Escolhidas*, vol. 1, p. 200). 'O inimigo está procurando desviar o espírito de nossos irmãos e irmãs da obra de preparar um povo que subsista nestes últimos dias. Seus enganos destinam-se a desviar a mente dos perigos e deveres do momento' (*Testemunhos para a Igreja*, vol. 8, p. 296).”

### **Conclusão**

Os Samaritanos de hoje estão por aí, tentando distrair o povo de Deus da sua missão. Não devemos ignorá-los, pois as heresias precisam de ser contestadas com a verdade. Porém, não devemos permitir que nos levem a “cessar a obra”. Se os nossos olhos pudessem ser abertos, como aconteceu com os de Daniel, contemplaríamos “nos bastidores” forças espirituais do Bem e do Mal contendendo pela prevalência dos seus interesses, usando agentes humanos para esse fim.

Anos mais tarde, quando Neemias estava empenhado noutra obra – a reconstrução dos muros de Jerusalém –, os Samaritanos ainda estavam lá, perturbando. Nessa ocasião, os fiéis tiveram que cumprir uma dupla tarefa: combatê-los, ao mesmo tempo que reedificavam (Nee. 4:16-21). O servo de Deus deu uma pronta resposta às maquinações dos Samaritanos: “Estou fazendo uma grande obra, de modo que não poderei descer; porque cessaria a obra, enquanto eu a deixasse e fosse ter convosco?” (6:3).

Esse exemplo diz tudo o que nos compete fazer. ♣

**• José Carlos Ramos**  
Teólogo

# A CAVILHA DESAPARECIDA

A VIAGEM DO CASAL WHITE INCLUIU UM DESASTRE DE COMBOIO.

**J**ames e Ellen White embarcaram com algumas reservas no comboio que se dirigia para Wisconsin. O pastor White tinha-se sentido inquieto nessa tarde, interrogando-se se eles deveriam realmente fazer a viagem. “Sinto-me pouco à vontade para realizar esta viagem”, disse ele a Ellen, a sua esposa, “mas nós prometemos aos crentes que iríamos até lá para os ajudar”. Para se livrar da sua incerteza, o jovem casal fez o que usualmente fazia em circunstâncias semelhantes. Eles ajoelharam-se e oraram, agradecendo a Deus por viajar com eles. Na estação de comboio, James

colocou a sua mala, cheia de folhetos e revistas religiosos, no vagão da bagagem e, depois, o casal instalou-se numa carruagem. Ellen não tinha estado ali sentada há mais de um minuto, quando disse ao seu marido: “Não posso ficar aqui. Tenho de encontrar um outro banco.” Eles mudaram-se para a carruagem de passageiros seguinte do comboio. Mas até isso não deixou Ellen completamente confortável. “Não me sinto à vontade”, admitiu ela. Eles tinham viajado apenas quatro quilómetros, quando ouviram um grande barulho. Um forte solavanco atirou-os para fora dos seus assentos. James

saiu a correr para ver o que tinha acontecido. A locomotiva tinha embatido contra um boi que estava deitado na linha. Parte do comboio descarrilou, virou-se e parou com as rodas viradas para cima. As carruagens que seguiam imediatamente após a locomotiva tinham sido esmagadas. Mas a carruagem de passageiros em que seguiam os White permaneceu segura nos carris, porque a cavilha que a ligava às outras carruagens tinha, de algum modo, saltado. O assistente do maquinista disse-lhes que não tinha sido ele a remover a cavilha. Ninguém sabia como a cavilha tinha sido retirada. Terá sido sorte? Tu decides! ♣

*Retirado da revista Guide*



# Porque Tarda Jesus em Voltar?

Já ouviu a expressão “vivemos em tempos de crise”? Na nossa situação presente, esta expressão é usada quase diariamente. A nós, Cristãos, ela lembra-nos de imediato da descrição que Jesus deixou em Mateus 24 sobre os acontecimentos que ocorreriam como sinal da Sua vinda e do fim dos tempos, e constatamos que esses acontecimentos são cada vez mais reais e que está tudo a acontecer justamente como Jesus descreveu.

Em breve, tudo culminará naquela que é a nossa bendita esperança. “Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem; e todas as tribos da terra se lamentarão, e verão o Filho do homem, vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória. E ele enviará os seus anjos, com rijo clamor de trombeta, os quais ajuntarão os seus escolhidos, desde os quatro ventos, de uma à outra extremidade dos céus” (Mateus 24:30 e 31). Só que, provavelmente, já se deu conta de que não é fácil acreditar nisto em pleno século XXI, no avançado ano de 2014. A maior parte das pessoas ridiculariza tal crença. A descrição de como será a vinda de Jesus é, na verdade, algo inimaginável, algo que é difícil de reproduzir até num filme dotado de todo o tipo de efeitos especiais. Todo o cená-

rio será verdadeiramente incrível e nós nunca teremos visto nada que seja nem um pouco parecido. E como o ser humano tem alguma dificuldade em acreditar naquilo que ainda não viu, boa parte das pessoas considera a vinda de Jesus como algo irreal, algo que não passa de uma história.

Mas, se já parece complicado acreditar em tal acontecimento, pense nisto: Jesus prometeu voltar há quase 2000 anos e, até agora, não voltou. Em que situação isto deixa os Cristãos? A Bíblia diz algo a respeito disto? Em II Pedro 3:3 e 4 lemos: “Sabendo primeiro isto: que nos últimos dias virão escarnecedores, andando segundo as suas próprias concupiscências, e dizendo: Onde está a promessa da sua vinda? Porque, desde que os pais dormiram, todas as coi-

sas permanecem como desde o princípio da criação.” Este texto é surpreendente, pois corresponde exatamente àquilo que ouvimos e vemos atualmente! Foi escrito a pensar no tempo exato que atravessamos agora! Estava previsto que surgiriam pessoas escarnecedoras, que zombariam daqueles que acreditam na promessa da vinda do Filho de Deus.

Mas o apóstolo Pedro diz mais a respeito desses: “Eles voluntariamente ignoram isto: que, pela palavra de Deus, já desde a antiguidade existiram os céus e a terra, que foi tirada da água e no meio da água subsiste. Pelas quais coisas pereceu o mundo de então, coberto com as águas do Dilúvio” (II Pedro 3:5 e 6). Pedro pede-nos que reflitamos no episódio do Dilúvio. Naquele tempo, poucos

acreditaram que Deus iria intervir e que o mundo seria destruído. Apenas Noé e a sua família foram salvos. Apesar dos apelos de Noé, ninguém creu. “Durante cento e vinte anos sua voz solene soou aos ouvidos daquela geração, com referência a acontecimentos que, tanto quanto poderia julgar a sabedoria humana, eram impossíveis” (Ellen White, *Patriarcas e Profetas*, p. 57). E tal como os homens não acreditaram ser possível tal acontecimento, hoje sucede precisamente o mesmo no que toca à volta de Jesus. Mas será pela mesma Palavra que fez vir o Dilúvio que o fim deste mundo chegará (II Pedro 3:7).

Existe, no entanto, uma questão que ainda se mantém: O acontecimento é certo, mas porque não ocorreu ainda? Porque razão Jesus não voltou ainda? A Sua promessa foi: “Eis que cedo venho, e o meu galardão está comigo, para dar a cada um segundo a sua obra” (Apocalipse 22:12). Contudo, o tempo tem passado, gerações surgem e gerações passam, e o bendito Salvador aparenta tardar em voltar. O grupo musical *Arautos do Rei* canta “breve virá, breve virá, breve Jesus voltará” há já mais de cinquenta anos, e nós, Cristãos, continuamos à espera; e o que dizer de todos os nossos queridos irmãos que aguardaram com entusiasmo a vinda de Jesus durante anos, ou até mesmo durante décadas, mas já descansam no Senhor?

Parece, de facto, uma questão complexa; porém, o apóstolo Pedro responde a todas estas interrogações de forma bem simples. “Mas, amados, não ignoreis uma coisa: que um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos como um dia” (II Pedro 3:8). A nossa noção de tempo é infinitamente diferente da visão de Deus. A nossa vida dura oitenta, noventa, ou, quem sabe, cem anos, e, para nós, isto corresponde a uma grande porção de tempo. Mas o que é uma centena de anos para Deus, Alguém que é Eterno? “Não és tu desde a eternidade, ó Senhor meu Deus, meu Santo?” (Habacuque 1:12). Além disso, podemos realmente constatar que a promessa de Jesus tem já cerca de dois milénios. Mas há quanto tempo estou eu à espera do regresso do Messias? Uma coisa é certa: Deus não pede que nenhum filho Seu aguarde o cumprimento da promessa durante mais do que uma vida. Aquilo que nos é pedido é que vivamos a nossa vida com fé e esperança. “Todos estes morreram na fé, sem terem recebido as promessas; mas, vendo-as de longe, e crendo-as e abraçando-as, confessaram que eram estrangeiros e peregrinos na terra” (Hebreus 11:13).

E se, ainda assim, é levado a pensar que Deus está “atrasado”, delicie-se com o que Pedro continua a escrever: “O Senhor não retarda a sua promessa, ainda que alguns a têm por

tardia; mas é longânimo para convosco, não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se” (II Pedro 3:9). Que misericórdia maravilhosa! Quão extraordinária a paciência e a benignidade do Senhor! Pode ser que Ele esteja à espera que eu me decida inteiramente. Quem sabe se Ele não está à sua espera também? Mas Ele não vai esperar muito mais tempo e o dia do Senhor virá repentinamente, como o ladrão na noite (II Pedro 3:10).

Se ainda não está inteiramente convicto da realização futura deste grandioso acontecimento e se ainda não está totalmente ao lado de Jesus, então não perca mais tempo. Se existe algum assunto na sua vida que está a impedi-lo de estar a 100% do lado de Jesus, não deixe a resolução para amanhã. “Como diz o Espírito Santo, se ouvirdes, hoje, a sua voz, não endureçais os vossos corações, como na provocação, no dia da tentação no deserto” (Hebreus 3:7 e 8). Se, por outro lado, está inteiramente convicto da breve volta de Jesus e anseia por ela de todo o seu coração, então não desanime, estimado irmão.

Continue, sim, a aguardar e a apressar a vinda do dia de Deus (II Pedro 3:12). ✦

• **Bruno Silva**  
Enfermeiro

# Sola Scriptura e Ellen G. White

## NÓS TEMOS A BÍBLIA. PRECISAMOS DE ELLEN WHITE?

Os Adventistas do Sétimo Dia creem que a Bíblia é a revelação da vontade divina e é suficiente em si mesma. Cremos no lema dos Reformadores: *A Bíblia e a Bíblia somente*. Por isso, muitos perguntam: “Se tudo do que necessito se encontra na Palavra de Deus, porque devo então dar atenção aos escritos de Ellen White?” Os Adventistas creem que aceitar a verdade do princípio “*Sola Scriptura*” (“Somente as Escrituras”) significa aceitar tudo o que a Bíblia ensina – inclusive a promessa da presença contínua do Espírito Santo por meio dos dons espirituais, principalmente nos últimos dias.

Podemos, então, fazer a pergunta de outra forma: Se a Bíblia é suficiente em si mesma, qual é a necessidade da direção especial do Espírito Santo?

O próprio Jesus dá-nos a resposta, relatada em João 16:12 e 13: “Ainda tenho muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora. Mas, quando vier aquele Espírito de verdade, ele vos guiará em toda a verdade; [...] e vos anunciará o que há de vir.” Podemos ver que esta promessa foi cumprida no ministério dos apóstolos, mas também sabemos pelas Escrituras que a direção do Espírito Santo não cessaria no fim do primeiro século (veja Joel 2:28-32; Efésios 4:11-13; Apocalipse 12:17; 19:10).

A Bíblia relata que Deus guiou o Seu povo por meio de mensageiros especiais que, apesar de não terem

escrito qualquer parte da Bíblia (por isso são designados “profetas não canônicos”), foram inspirados para denunciar o pecado, advertir sobre perigos iminentes e prever as consequências de escolhas erradas. Nos tempos dos reis de Israel, lemos sobre mensageiros como Aías, Semáias, Hulda, Natã e outros homens e mulheres de Deus que protegeram a nação da derrota e censuraram reis ímpios. Na Igreja do Novo Testamento, aprendemos que os apóstolos foram guiados pelas profecias de Ágabo, entre outros profetas (veja Atos 11:27-30).

Observe, agora, como os seguintes propósitos e bênçãos do dom profético patenteados nas Escrituras encontram um paralelo no ministério e nos conselhos proféticos de Ellen White.



### 1. Desmascarar as estratégias do inimigo

O rei da Síria estava convencido de que espíões israelitas se tinham infiltrado no seu exército, porque os líderes de Israel pareciam saber de antemão onde e como ele atacaria. O rei ficou a saber, contudo, que não se tratava de informações obtidas por meios humanos – tratava-se de um profeta, Eliseu, a quem Deus fornecia informação privilegiada acerca das intenções do rei da Síria (veja II Reis 6:8-12).

O tema principal nos escritos de Ellen White é o grande conflito travado entre Cristo e Satanás. O seu livro *O Grande Conflito* mostra como a batalha que se iniciou no Céu continua no nosso Planeta e no coração de cada pessoa. São-nos reveladas as cenas de bastidores que expõem as questões em jogo nesta guerra cósmica. Inclusive, revelações esclarecedoras sobre as estratégias de Satanás na guerra contra o Remanescente – guerra prevista por João, em Apocalipse 12:17. Por meio do dom de profecia, os enganos do maligno são desmascarados, a fim de estarmos preparados para seguir o conselho de Pedro de “resistirmos” ao inimigo e permanecermos “vigilantes” (I Pedro 5: 8 e 9).

## 2. Mostrar a atuação de Deus através da História

Os profetas bíblicos interpretaram os acontecimentos da sua época à luz da conduta de Deus para com o Seu povo e para com as nações vizinhas. De modo semelhante, nos escritos de Ellen White encontramos descrições surpreendentes da intervenção divina. Um exemplo digno de nota é a sua explicação para o recuo repentino do exército da União frente ao exército Confederado na Batalha de Manassas durante a Guerra Civil dos Estados Unidos. O que parecia inexplicável do ponto de vista humano foi revelado a Ellen White como tendo sido obra da intervenção de anjos (veja *Testemunhos para a Igreja*, CPB, vol. 1, pp. 266 e 267).

## 3. Prever as consequências das nossas escolhas

Quando o exército babilônico cercou Jerusalém, o rei Zedequias convocou Jeremias da prisão e prometeu poupar-lhe a vida, se ele dissesse a verdade sobre o futuro do reino de Judá. Jeremias apontou duas opções ao rei: render-se ao rei de Babilônia e viver; ou continuar a lutar, ver a cidade ser destruída e morrer (Jeremias 38:14-23). Por fim, Zedequias fez a escolha errada e as palavras proféticas de Jeremias, que ele rejeitara, foram confirmadas como sendo verdadeiras.

Apesar de a vontade de Deus ser revelada amplamente na Sua Palavra há ocasiões em que Ele provê direções específicas a fim de manter o Seu povo no caminho certo. As instruções de Ellen White sobre o estilo de vida saudável são um exemplo disso. Estudos e mais estudos têm comprovado os resultados positivos de se viver de acordo com os princípios de saúde contidos nos seus escritos. Se formos seguir somente as

nossas tendências ou os conselhos dos “especialistas”, sempre em mudança e muitas vezes contraditórios, escolheremos, talvez, um estilo de vida diferente. Embora as Escrituras descrevam a dieta original e afirmem que o nosso corpo é o templo do Espírito Santo, é improvável que déssemos a mesma atenção a estas passagens, caso os princípios nelas presentes não estivessem explicados em termos práticos no Espírito de Profecia.

## 4. Convencer do pecado

O rei David conhecia o sexto e o sétimo mandamentos, pois ele conhecia os escritos de Moisés. Contudo, na Sua misericórdia, Deus enviou o Seu mensageiro não canônico para revelar a verdade a David, que estava tentado a negligenciá-la. De modo semelhante, na Bíblia encontramos o padrão divino para o caráter, bem como o critério de verdade de Deus – como David encontrava nas Escrituras. Deus, porém, vai ainda mais longe, ao apelar às pessoas dos tempos modernos, por meio do Espírito Santo – o Espírito de Profecia. Ele sabe bem como procuramos desculpar a nossa conduta e fechamos os olhos aos nossos erros (Apocalipse 3:19). Ao exaltar os princípios sagrados da Palavra de Deus, Ellen White leva-nos a percebermos as nossas faltas, a reconhecermos a nossa pecaminosidade e a aceitarmos, em contrição, o perdão e a justiça que Cristo nos oferece.

## 5. Pôr em prática as Escrituras nos dias de hoje

Ao contrastar a justificação pela fé com as obras da Lei, Paulo foi guiado pelo Espírito Santo para interpretar a experiência de Abraão e Hagar como sendo um símbolo (Gálatas 4:21-31). Embora os primeiros Cristãos fossem capazes de estudar, por si mesmos, os escritos do Antigo Testamento,

isso não impediu que o Espírito Santo guiasse a mente deles para um entendimento mais profundo de passagens específicas.

Nos dias de hoje, embora as Escrituras permaneçam como a nossa fonte de verdade, uma das bênçãos provenientes da orientação do Espírito Santo é a Sua aplicação prática da Palavra nas circunstâncias da vida de cada um. Na série de cinco livros intitulada “*O Grande Conflito*”, Ellen White seleciona e aplica narrativas bíblicas que ilustram o tema do Grande Conflito, demonstrando assim como o passado nos ensina sobre o nosso futuro. Ela também foi inspirada para fazer sobressair passagens específicas de grande relevância para a Igreja dos últimos dias. Ao falar sobre Isaías 58, por exemplo, ela escreveu: “O capítulo inteiro pode ser aplicado aos que vivem neste período da história da Terra. Estude este capítulo com atenção, pois ele se cumprirá” (Comentários de Ellen White, *Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. 4, p. 1149).

Resumindo, a Bíblia ensina que o Espírito Santo continuará a guiar o povo de Deus até ao fim dos tempos. Apesar de o cânone da Palavra de Deus estar concluído, Ele não deixou de Se comunicar com a Igreja por meio do dom profético – principalmente no momento em que a Igreja enfrenta os enganos do tempo do fim.

Não é de admirar que Paulo tenha escrito aos primeiros Cristãos o seguinte: “Não extingais o Espírito. Não desprezeis as profecias” (I Tessalonicenses 5:19 e 20). Terminando, usando as palavras de Jesus à igreja de Laodiceia – a nossa Igreja: “Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas” (Apocalipse 3:22). ❖

• **Tim Poirier**

Vice-Diretor do Patrimônio Literário de Ellen G. White

# Abnegação, o Eixo do Cristianismo

O QUE, NA REALIDADE, A TEOLOGIA DA PROSPERIDADE FAZ É FOMENTAR A COBIÇA E MEDIR AS BÊNÇÃOS DE DEUS PELA SIMPLES ACUMULAÇÃO DE RIQUEZA.

## O que significa “Abnegação”?

É necessário, antes de falar deste tema, definir brevemente do que estamos a falar, para ter um conceito-base sobre o qual desenvolver o nosso pensamento. O *Dicionário Larousse* define “Abnegação” como “Sacrifício espontâneo da vontade, dos afetos ou dos bens materiais e mesmo da vida, em serviço de algo ou alguém”. Nesta primeira definição, associa-se a abnegação com o sacrifício pessoal em prol de outros, chegando mesmo à entrega da própria vida.

Por outras palavras, a abnegação revela-se em função da renúncia de si mesmo, revela-se no pôr de lado interesses pessoais e concentrar-se no outro.

As pessoas, por natureza, tendem a pensar em si mesmas, não nos outros. No entanto, este conceito está em contradição com o sentido mais profundo da abnegação, que é precisamente o renunciar.

## Cristianismo e abnegação

Essencialmente, o Cristianismo é a expressão máxima de uma religião que não se centra no indivíduo, mas sim nos outros. A abnegação é a negação do individualismo. Uma pessoa que se diga “cristã” renuncia a si mesma e aos seus interesses pessoais. Isto implica que o próximo tem uma relevância que, culturalmente, muitas vezes não se lhe reconhece.

A distorção que sofreu o Cristianismo através dos séculos faz muitos pensarem que o que vivem como “cristãos” é o que devem ser ou o que é correto ser, quando, na realidade, não é mais do que a acomodação da religião cristã a uma cultura que esqueceu o sentido mais profundo da abnegação.

O exemplo máximo de abnegação observa-se na figura de Jesus Cristo, O Qual não somente deu a Sua vida, como também Se sacrificou no processo da encarnação. A partir desta perspectiva, os Cristãos têm um modelo de vida a seguir.

Mas, não se trata simplesmente de falar de abnegação, mas sim de viver um estilo de vida que implique disciplina para controlar os desejos, os sentimentos e os pensamentos que possam colocar no centro da vida interesses pessoais acima dos interesses das outras pessoas.

É estranho que muitas pessoas que se chamam a si mesmas “cristãs” sejam, por sua vez, acumuladoras, especuladoras, consumistas e estejam permanentemente ocupadas em aumentar a sua riqueza pessoal. Isto está em contradição com a essência do Cristianismo, que se direciona em dar, não em receber.

Jesus renunciou à Sua condição divina para fazer-Se humano. Morreu para salvar a Humanidade. Entregou-Se completamente à missão de dar sentido à vida dos seres humanos. É óbvio que Ele solicitaria o mesmo aos Seus seguidores; esse é o modelo que propôs e é o modelo que constitui o eixo central de todo o Seu ministério. No entanto, ainda hoje, muitos Cristãos sofrem de uma contradição fatal. Por um lado, dizem crer em Jesus Cristo; mas, por outro lado, nos seus valores pessoais estão mais perto do mais egoísta capitalismo neoliberal do que do lado da abnegação e do sacrifício. O sacrifício máximo que alguns fazem consiste em renunciar por algumas horas de cada semana à comodidade da sua sala de estar para sentar-se nos incómodos assentos de uma igreja, a fim de escutar um sermão, ato que, em muitos sen-



tidos, é simplesmente uma busca de maior conforto; neste caso, utilizando a religião como meio de prosperidade. O que mais não é do que cair na mesma prática, no individualismo a todo o transe, deixando de lado a abnegação.

### **A religião da prosperidade**

Tenho pensado muito nas razões porque tanto tem proliferado a chamada “teologia da prosperidade”, que é a negação total do conceito de “abnegação” e está nos antípodas da proposta de Jesus.

Aqueles que ensinam a teologia da prosperidade fazem da riqueza e da própria prosperidade um ídolo. A ênfase dada nos “ministérios” com esta perspectiva é que “deves ser rico”, “podes reclamar as riquezas de Deus”; algo que não apenas não tem fundamento bíblico, como, além do mais, também faz crer que é a própria riqueza que é parte necessária da bênção de Deus. Estes “ministérios” esquecem que a cobiça é daninha e rejeitada por Deus (Êxo. 20:7).

O dinheiro é importante, mas nunca ao ponto de desviar-nos do que é mais importante. Paulo adverte claramente sobre o lugar que deve ocupar o dinheiro na nossa vida, ao assinalar que “o amor ao dinheiro

é a raiz de toda a espécie de males; e nessa cobiça alguns se desviaram da fé e se trespassaram a si mesmos com muitas dores” (I Tim. 6:10).

Muitos dos pastores e líderes do movimento da prosperidade deveriam ler com atenção o que diz Pedro quando afirma: “Apascentai o rebanho de Deus que está entre vós, tendo o cuidado dele, não por força, mas voluntariamente; nem por torpe ganância, mas de ânimo pronto” (I Ped. 5:2). Ao escutar alguns dos pregadores que ensinam estas ideias parece-me que o seu ponto focal é exclusivamente “o ouro e a prata” e que tudo o resto carece de significado.

Por isso mesmo, a recomendação dada aos Hebreus continua a ser válida para hoje e deve ser ponderada: “Sejam os vossos costumes sem avareza, contentando-vos com o que tendes; porque ele disse: Não te deixarei, nem te desampararei” (Heb. 13:5).

O que a teologia da prosperidade faz, na realidade, é fomentar a cobiça e medir as bênçãos de Deus pela riqueza acumulada. Por isso, Paulo é claro ao assinalar que “os que querem ser ricos caem em tentação e em laço, em muitas concupiscências loucas e nocivas, que submergem os homens na perdição e ruína” (I Tim. 6:9).

Colocar o nosso objetivo na obtenção de riqueza e sustentar que esta é a medida da bênção divina é, simplesmente, mudar o ponto focal do Evangelho que aponta para Cristo, a Salvação e uma vida de serviço. É, em muitos sentidos, uma desvirtuação do Evangelho.

A cobiça degenera em avareza e Paulo qualifica a dita conduta como sendo idolatria (Col. 3:5). Um conceito que também é ensinado pelo autor de Provérbios: “Não te canses para enriqueceres; dá de mão à tua própria sabedoria. Porventura fitarás os teus olhos

naquilo que não é nada? Porque certamente isso se fará asas e voará ao céu como a águia” (Prov. 23:4 e 5). Jesus, por Seu lado, advertiu: “Acautelai-vos e guardai-vos da avareza; porque a vida de qualquer não consiste na abundância do que possui” (Luc. 12:15). E noutra ocasião disse: “Ninguém pode servir a dois senhores; porque, ou há de odiar a um e amar o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas” (Mat. 6:24).

### **A abnegação, a medida de um Cristão**

A mensagem bíblica centra-se em algumas ações que são incompatíveis com o individualismo observado pela teologia da prosperidade e com uma religião que tem como centro o ser humano, em lugar de Deus.

A expressão mais repetida na Bíblia é “dar”, não “receber”. O apóstolo Paulo, escrevendo à comunidade cristã de Corínto, diz: “Portanto, assim como, em tudo, abundais em fé, e em palavra, e na vossa caridade para conosco, assim, também, abundeis nesta graça de dar” (II Cor. 8:7). Esta é a chave, a “graça de dar”, expressão que denota o verdadeiro sentido do Cristianismo que não procura receber, mas pretende ser uma bênção para os outros, pondo o eixo nos outros, não em si mesmo. Jesus disse aos Seus potenciais seguidores que a primeira condição para segui-l’O era “negar-se a si mesmo” (Mat. 16:24). Enquanto isto não ocorrer, o chamado “Cristianismo” não é mais do que um clube religioso cheio de gente com boas intenções, e nada mais. A diferença está na ação que leva a colocar o foco nos outros, e não em si mesmo; em suma, seguir o exemplo de Jesus de dar e dar-se aos outros. 

• **Miguel Ángel Núñez**

*Doutor em Teologia, Licenciado em Filosofia e Educação*



# Onde Obteve Caím a Sua Mulher?

“E CONHECEU CAÍM A SUA MULHER, E ELA CONCEBEU, E TEVE A HENOCH.” GÊNESIS 4:17.

**A** referência à mulher de Caím parece criar um problema. De onde aparece ela subitamente? Os primeiros habitantes da Terra obviamente não tinham outra escolha senão casar com os seus irmãos e irmãs. Este costume levanta a questão de se saber se Deus tinha em mente que houvesse incesto desde o começo, de modo a que os primeiros seres humanos realizassem a Sua instrução de frutificarem e se multiplicarem e encherem a Terra (Gén. 1:28).

## Casamento entre parentes próximos

Adão e Eva tiveram, de facto, outros filhos e filhas (Gén. 5:4), tendo certamente Caím e Abel casado com algumas destas.<sup>1</sup> Esta prática era inevitável na segunda geração. Na terceira geração, o casamento poderia realizar-se entre primos em primeiro grau, e, na quarta geração, entre primos em segundo grau. Dado que Adão e Eva saíram perfeitos das mãos do Criador, o perigo de surgirem defeitos de gestação devido ao casamento entre parentes próximos não existia nesta fase da história humana, apesar da entrada do pecado.

Mesmo muito tempo depois do Dilúvio, descobrimos que Abraão se casou com a sua meia-irmã Sara. Durante a estadia dos filhos de Israel no Egito, era comum na família real egípcia que se realizassem

casamentos entre irmãos. Entre os Israelitas descobrimos que Amram, o pai de Moisés, casou-se com Jocabed, uma jovem tia, irmã do seu pai (Êxo. 6:20). Este tipo de casamento era visto naquelas culturas antigas de modo muito diferente do que é visto hoje na nossa cultura.

No entanto, após Deus ter chamado Israel para fora do Egito e o ter colocado à parte como uma santa nação de sacerdotes (Êxo. 19:6; Lev. 19:2), Israel recebeu leis que diziam respeito a todas as formas de incesto (Lev. 18:7-17; 20:11 e 12, 14, 17, 20 e 21; Deut. 22:30; 27:20, 22 e 23). Enquanto no Egito, estas práticas eram comuns, os Israelitas, na sua nova terra, deveriam evitar estes costumes das sociedades pagãs. Levítico 18:6 proíbe relações sexuais com parentes próximos, tais como a mãe, o pai, a madrasta, a irmã, o irmão, o meio-irmão, a neta, a nora, o genro, a tia, o tio ou a mulher do irmão. Aquilo que antes tinha sido permitido por causa da necessidade de reprodução era agora proibido. Enquanto nação santa, os Israelitas eram chamados a viver segundo um elevado padrão de moral que os distinguiria das nações que habitavam ao seu redor. As proibições sexuais específicas devem ser vistas em termos das condições que prevaleciam no antigo Médio Oriente nessa data. A adoração das várias deusas da fertilidade entre as nações fazia

da “entrega do próprio corpo a vários prazeres sensuais uma obrigação religiosa.”<sup>2</sup> Por contraste, os Israelitas deviam consagrar-se a Yahweh e refletir a Sua santidade como testemunho às nações que os cercavam (Êxo. 19:2; Isa. 49:6).

## Conclusão

Enquanto, no início da história da Humanidade, o casamento entre parentes era uma necessidade, no tempo em que Israel se tornou numa nação, as relações sexuais entre parentes próximos foram proibidas. A razão para esta proibição foi, primeiramente, o estatuto especial de Israel como povo santo de Deus, mas também porque o perigo de perturbações genéticas aumentara à medida que os efeitos do pecado se tornaram mais pronunciados. Este perigo não estava presente imediatamente após a criação. Deus tinha criado tudo perfeito. Embora, hoje, o risco de perturbações genéticas seja extremamente elevado, as primeiras gerações de seres humanos não se deparavam com os mesmos riscos biológicos. ♣

• **Michael G. Hasel**  
Teólogo

1. “Devemos supor que a mulher de Caím era uma das ‘outras filhas’ de Adão (Gén. 5:4). Mais tarde, o casamento entre irmãos tornou-se desnecessário e foi corretamente denunciado na tradição mosaica (e.g., Lev. 18:9).” K. A. Matthews, *Genesis 1-11*, The American Commentary, [s. l.]: Broadman and Holman, 2002.

2. A. Noordtjiz, *Leviticus*, Bible Student's Commentary, Grand Rapids, MI: Zondervan, 1982, p. 181.

# O Único Grupo para o Qual Jesus Não Tinha Muito Tempo

**H**ouve um grupo para o qual Jesus não teve muito tempo. Não era, claro está, o grupo dos marginalizados: os pobres, os pecadores, os Samaritanos. Todos estes não apenas tinham uma boa recepção da parte de Jesus; Ele procurava-os.

Nem era o grupo dos Fariseus. Jesus teve muito tempo para os Fariseus. Ele gastou horas dialogando com os Fariseus. Ele comeu em lares de Fariseus. Na noite tardia, Ele sondou a profundidade da água e do Espírito com um Fariseu. Viria o dia em que Ele iria confiar a um Fariseu a pregação do Evangelho aos Gentios. Jesus tinha mais em comum com os Fariseus do que com qualquer outro grupo.

É verdade que os Fariseus se atolavam em minúcias. Ansiando que a santidade abarcasse cada aspeto da vida, eles acabaram a debater se se devia comer um ovo posto no Sábado. Mas Jesus sabia que força poderosa para o Seu Reino os Fariseus podiam ser, caso a graça por eles demonstrada viesse a corresponder à santidade que exibiam.

Havia outros grupos em Israel. Os Essênios acotovelavam-se, buscando o estudo e a pureza, talvez convivendo com João Batista e com os seus discípulos de então, André e João. Os Zelotes levaram o seu fervor cheio de justiça própria longe de mais, fazendo recuar a sua causa mais do que a fazendo avançar. Mas até um Zelote encontrou um lugar no círculo íntimo de Jesus.

Não, houve apenas um grupo para o qual Jesus não teve muito

tempo. Homens que eram membros culturais da fé, mas que não tinham realmente interesse na fé. Amontoavam-se junto de grandes instituições religiosas. Aderiam à prática religiosa apenas se esta lhes fosse conveniente. Não acreditavam que Deus Se preocupava com a vida quotidiana do povo. Rejeitavam boa parte das Escrituras. Negavam a possibilidade da ressurreição. Eram secularizados e politizados, arrogantes e coniventes. Apropriaram-se do sacerdócio e dirigiam o Templo.

Podemos agora perceber porque Jesus purificou de modo tão feroz o Templo que os Saduceus estavam a profanar? Em vez de simplesmente deixarem a fé em que já não criam, os Saduceus tentaram arrastar a fé atrás de si. O seu único interesse na religião assentava no desejo de obtenção do poder e na ganância: aquilo que eles podiam obter dela. De facto, quando o Templo foi destruído em 70 d.C., os Saduceus deixaram de existir.

Jesus não tinha muito tempo para os Saduceus, porque eles não estavam verdadeiramente em busca da fé. Quando eles Lhe levaram as duas perguntas sarcásticas – “Portanto, na ressurreição, de qual dos sete será a mulher?” (Mateus 22:28) e “É-nos lícito dar o tributo a César, ou não?” (Lucas 20:22) –, Jesus viu através da sua hipocrisia, disse-lhes que eles estavam muito enganados e afastou-Se deles.

O problema não eram as perguntas. Jesus podia bem com as perguntas; Ele recebia bem as perguntas. O

problema era que as perguntas deles vinham sem fé, sem oração, sem reconhecimento de que as coisas espirituais são espiritualmente discerníveis. “Porventura não errais vós”, disse-lhes Jesus, “em razão de não saberdes as Escrituras, nem o poder de Deus?” (Marcos 12:24).

A última parábola de Jesus foi para os Saduceus: uma história sobre corações endurecidos, sobre a rejeição dos profetas (as Escrituras) e, finalmente, sobre a rejeição do próprio Filho de Deus. “A pedra que os edificadores rejeitaram”, disse Jesus, “essa foi posta por cabeça do ângulo. (...) Quem cair sobre esta pedra despedaçar-se-á; e aquele sobre quem ela cair ficará reduzida a pó” (Mateus 21:42-44). Jesus usou a ponderada imagética do ofício de pedreiro, talvez com um subtil apelo final: é melhor ser despedaçado do que ser reduzido a pó.

No fim de tudo, Jesus não Se afastou dos Saduceus. Ele deixou que eles O amarrassem, O interrogassem, O esbofeteassem e O cuspissem. Ainda assim, Ele não respondeu às suas questões destituídas de fé; pouco disse – exceto designar-Se como sendo o Cristo e o Rei de Israel.

Esta deve ser sempre a abordagem a seguir com aqueles que mais se opõem a Cristo – pessoas que querem ser líderes intelectuais religiosos, pondo de parte as Escrituras ou o poder de Deus. ♣

• **Andy Nash**  
Pastor

Disponível

-Ellen G. White-

# O MAIOR discurso de CRISTO



COLEÇÃO  
Folhas de Outono

Envolve-se no Projeto “Folhas de Outono”.  
Adquira e **ofereça** o livro **O Maior Discurso de Cristo**, de Ellen White. Ele revelará, a si e a quem o oferecer, a essência do Cristianismo, numa análise inspirada sobre o mais **surpreendente discurso** da História, feito pelo mais maravilhoso Homem, Jesus Cristo.

PREÇO

**3.00€**

ligue > **21 962 62 00**

Publicadora **SERVIR** 